



60
fato
e razão

Conversando com o leitor

Se você gosta da sua revista, amigo leitor, amável leitora, convide seus amigos, parentes e pessoas inteligentes a ler também Fato e Razão. Pessoas que saibam distinguir entre publicações comerciais dedicadas a banalidades e intrigas políticas de bastidores, de outras, como esta, que provocam reflexões, fazem pensar, oferecem caminhos de formação humana, pessoal e social, na ótica cristã libertadora, ecumênica, distante de fundamentalismos estéreis.

A sobrevivência admirável de Fato e Razão, por três décadas, deve-se aos seus leitores e assinantes fiéis. Já são sessenta números publicados, quase cinco mil páginas editadas.

Para se manter viva por mais outras décadas, a sua revista precisa ampliar o número atual de assinantes. Para isso, contamos com a sua colaboração. Ajude a sua família e o seu círculo de amizades a descobrirem Fato e Razão. Ofereça assinaturas como presente de aniversário ou mesmo de casamento. Quem receber o seu presente vai se lembrar de você a cada três meses, sempre que o correio lhe entregar cada novo número da sua revista.

E não se esqueça, caro leitor, estimada leitora, de enviar-nos seus comentários para que Fato e Razão fique cada vez melhor.

H. e S. A

fato e razão

Movimento Familiar Cristão
www.mfc.org.br

Conselho Diretor Nacional

Mozart e Geralda (Didi) Carvalho
Luiz Martins dos Santos
José Américo e Maria Marlete Sá
Vando e Neuzemi Maria Oliveira
Francisco e Laura de Souza
Maria Sebastiana (Sebá) Leão

Editoria e Redação

Helio e Selma Amorim
R. Des. Saul Gusmão 80 - VIII
22641-280 Rio de Janeiro - RJ
E-mail: helioamorim@globo.com

Distribuidora Fato e Razão

Atendimento Assinaturas
Rua S. João, 25 - sobreloja
24020-040 Niterói - RJ
Tel/fax (21) 2621-5278
E-mail: fatorazao@primyl.com.br

Livraria do MFC

Pedidos de Publicações MFC
Rua Barão de Santa Helena, 68
36010-520 Juiz de Fora - MG
Tel. (32) 3214-2952
E-mail: livraria.mfc@veloxmail.com.br

Fotolitos e impressão

Primyl Artes Gráficas
Rua S. João, 25 - slj
24020-040 Niterói - RJ
Tels. (21) 2722-3776 2621-5278
Fax (21) 2722-3777

Capa

"Das trevas surge a luz".
Foto da PetroSkills-OGCI.

60

Sumário

Uma nova arquitetura, 2 *Editorial*
Retrato de um Brasil injusto, 5
Washington Araújo
Sexo com afeto, 7 *Deonira V. La Rosa*
Amor pela condição humana, 9 *Leonardo Boff*
Direitos humanos e o futuro da humanidade, 11
Marcelo Barros
Igreja e sexualidade, 14 *Helio Amorim*
Depressão: compreensões, interpretações,
tratamentos, 18 *Jorge La Rosa*
Violinos velhos... tocam música, 21
Rubem Alves
Foto, Fato Razão, 25
Nossos velhos, 26 *Martha Medeiros*
Diário de um marido sozinho em casa, 28
Sussurros do Velho Chico, 32 *Jayme Sampaio*
Não fique tão sério, 34
Sacramento humanos, sacramentos divinos, 37
Helio e Selma Amorim
Se quer ser um bom pai... 41
Milagres acontecem, 43 *Leonardo Boff*
A formiga produtiva, 45 *Colaboração Glória Maria*
O Espírito Santo e seus carismas, 47 *Frei Betto*
Não tenhamos pressa, 49 *Jorge Leão*
Poema da fonte cantante, 51 *Beatriz Reis*
Dificuldades fortalecem, 52 *Jean Paul Barnier*
Bolsa-Família, 54 *Patrus Ananias*
Filho que cresce tem direito a colo? 57
Valdi Craveiro Bezerra, Ana Carolina Bessa
Linhares
O aprendizado da convivência, 59
Marcelo Barros
Dinheiro e relacionamentos, 62
Priscila de Faria Gaspar
Projetos de transformação social, 65
Waldemar Rossi
Por um outro mundo mais justo e sustentável,
67 *Jung Mo Sung*
Espiritualidade profética, 74
Alex José Kloppenburg
Audácia, prudência, temperança, 76
Leonardo Boff
A TV nossa de cada dia, 78 *Raymundo de Lima*

Data desta edição: janeiro 2006.

Um novo lançamento imobiliário numa importante capital atrai compradores ao descrever o revolucionário partido arquitetônico dos edifícios do condomínio.

Uma nova arquitetura

Editorial

Três pavimentos baixos em toda a extensão do terreno serão destinados a garagem blindada em concreto inexpugnável. Assim, o pavimento destinado ao lazer, com jardins e piscina, estará 10 metros acima do nível da rua, protegido de balas perdidas. O acesso de carros e pessoas terá bloqueios eletrônicos sucessivos controlados por vigilantes, funcionando como armadilha para assaltantes que não poderão fugir se tentarem vencer o primeiro obstáculo. Homens da segurança armada estarão circulando 24 horas por dia pelas áreas de uso comum munidos de aparelhos de rádio em sistema integrado de comunicação. Micro-câmaras serão instalados em todas as áreas de circulação e lazer, nos elevadores e escadas, com as imagens monitoradas dia e noite, articuladas com sistema de alarmes sofisticados para

conexão imediata com a polícia. Certamente haverá detectores de metais nas entradas de serviço...

Só depois dessa atraente descrição da arquitetura do conjunto, o anúncio oferece outras coisas interessantes embora secundárias: salas, quartos, banheiros, cozinhas e certos confortos dos apartamentos de luxo.

Cada vez é mais nítida a clausura das classes ricas, sitiadas pela Violência urbana. Clausura de luxo mas... clausura. É a versão moderna do isolamento dos senhores feudais em seus castelos protegidos por fossos e pontes levadiças contra o inconformismo da plebe explorada pelo sistema.

Essa clausura forçada, que mascara pelo luxo a perda da liberdade de ir comprar pão na padaria da esquina, está claramente relacionada com o aumento progressivo do fosso moderno que separa ricos e pobres

Um modelo econômico que se considera bem sucedido mas não resolve o problema da pobreza extrema, está na origem dessa violência que cresce na mesma proporção da concentração de renda e da falta de emprego numa economia mantida artificialmente fria para controle puramente monetário da inflação. Com efeito, aquecendo-se a economia, gera-se emprego. Com baixa taxa de desemprego, os



No modelo de economia neoliberal a política monetária comanda as demais e subordina os investimentos sociais e de infra-estrutura aos dogmas do mercado. Todas as noites a cotação do dólar anunciada na TV determina as ações do dia seguinte.

salários tendem a melhorar, o consumo aumenta, a demanda cresce em relação à oferta e os preços tendem a subir. Essa é a lei ou dogma do mercado.

A opção que parte da aceitação do modelo chamado neoliberal de não intervenção do Estado nas regras comerciais da livre concorrência, somente conhece o mecanismo do

controle monetário da temperatura da economia, impedindo o aquecimento gerador de empregos e desencadeando o processo cruel que alimenta a violência urbana, criando dentre outras novidades, a nova arquitetura para a cidade violenta.

Homens e mulheres das classes especialmente privilegiadas por esse modelo serão cada vez mais confinados em seus "bunkers" luxuosos, deslocando-se para o trabalho ou escola em automóveis blindados de vidros escurecidos. Sabem ser candidatos a seqüestros e assaltos. Muitos se deslocam acompanhados por seguranças, entroncheirados em outro carro, olhares inquietos pelo retrovisor, com temor do motoqueiro de pizzas que os ultrapassa.

Mas se uma possível mudança de rumo na condução da economia é reclamada, de fora ou de dentro do governo, para que superávits primários sejam reduzidos destinando-se uma fatia substancial para investimentos sociais mais efetivos e na recuperação da infraestrutura física degradada do país, com imediata geração de empregos e aquecimento da economia, os beneficiários do modelo protestam e advertem-nos sobre o caos que resultaria de "políticas populistas eleitoreiras". Preferem o cárcere de luxo e o medo das ruas.

Por outro lado, por mais que os recursos públicos, gerados por uma carga tributária gigantesca, sejam sugados para o pagamento dos

juros da dívida pública, interna e externa, ela não pára de crescer. Mesmo a custa do caos, esse verdadeiro, da saúde pública e dos buracos assassinos das estradas para pagar os juros, não consegue o governo pagar mais de metade do que deve, passando a outra metade a se incorporar à dívida que assim já se aproxima do assustador e impagável trilhão de reais. Isto porque a autoridade maior do governo, que neste assunto não é o seu presidente, mantém a oferta de uma indecente taxa de juros, atraindo os mais ávidos agiotas de todo o planeta. Essa taxa corresponde a mais do dobro do que pagam todos os outros países aos seus credores.

Não há argumento que possa convencer a população de ser razoável pagar mais do dobro de juros que o segundo colocado dentre quase duas centenas de países.

Esse descompasso surrealista entre a generosidade brasileira com seus agiotas e o comedido comportamento dos demais países do planeta, está empobrecendo e degradando a nação, fazendo sofrer o povo pobre pelo desemprego, a precariedade da saúde e da educação públicas e criando o caldo em que se gesta a violência urbana e a inquietante arquitetura nova da cidade grande.



Retrato de um Brasil injusto

Washington Araújo *

Eles estão na Praça da Sé, em São Paulo, mergulhando nas fontes da Glória, no Rio de Janeiro, e nos sinais de trânsito de Brasília. Estão em todos os lugares, como se fossem onipresentes, a estampar seu uniforme: roupas encardidas, literalmente descamisadas, brincando em volta de uma árvore, adormecidos em um banco de praça.

Esse é o retrato de um Brasil que luta para chegar ao Primeiro Mundo. Com a crescente preocupação dos organismos internacionais, o Brasil viu-se na liderança dos países com a mais cruel estatística, aquela que aponta para o imenso número de menores exterminados, os meninos de rua que, sem

cerimônia, nos oferecem a verdadeira realidade brasileira: miséria e fome, ante-sala nacional da delinquência. O drama dos menores abandonados é uma ponta do nosso iceberg social. São cerca de 4.000 crianças de rua assassinadas por ano no Brasil. A angústia de nossos "meninos do Brasil" foi bem sintetizada nesses versos de Ângela Diniz Dumont Teixeira:

"Sou cidadão de que país?
Sou herói de qual história?
Que bandidos terão roubado meu direito
de viver minha vida de menino?"

Enquanto não olharmos o rosto de um menino de rua como se fosse o rosto de um filho nosso, continuaremos a assistir uma tragédia que mata diariamente um pouco do Brasil.

Recente pesquisa do governo federal sobre moradores de rua no Brasil apontou para os seguintes números: 20.000 pessoas moram nas ruas em 17 capitais. Nesse número não estão incluídos os desabrigados do Rio de Janeiro e de outras 9 capitais brasileiras. Somente na capital paulista, 10 mil pessoas vivem ao relento. A pacata Niterói tem 0,3% de sua população vivendo a céu aberto. São 1.300 desabrigados.

Outros dados nos fazem aprofundar a questão. Desses desvalidos, 85% são homens, a idade média é de 37 anos, sendo que 40% vivem de caridade. Um país com tantos recursos naturais, blindado - até hoje - contra terremotos e furacões e com um povo sempre visto como solidário, certamente não deveria conviver com números dessa magnitude. Pra variar, o grande vilão continua sendo a perversa má distribuição de renda que temos.

Ter abrigo, antes de ser um direito humano, é também um direito dos bichos, dos animais.

* Jornalista. <http://www.cidadaodomundo.org> (Extraído de Adital)

Frases do saudoso Stanislaw Ponte Preta (Sérgio Porto)

- ❖ *No Brasil as coisas acontecem, mas depois, com um simples desmentido, deixaram de acontecer.*
- ❖ *Quando aquele cavalheiro nervoso entrou no hospital dizendo "eu sou coronel, eu sou coronel", o médico tirou o estetoscópio do ouvido e quis saber: "Fora isso, de que mais o senhor se queixa?"*
- ❖ *Desligou o telefone com uma violência de PM em serviço.*

SEXO

com afeto

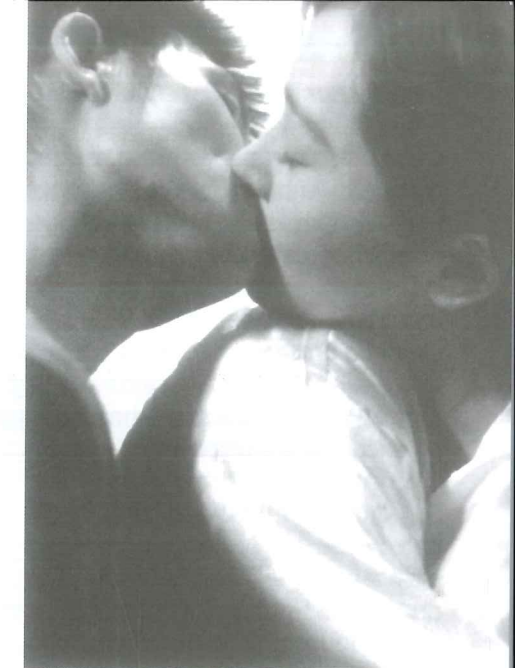
Deonira L. Viganó La Rosa*

A proliferação de discursos e práticas sexuais não tem assegurado aos dias atuais uma vivência plena da sexualidade.

Apesar das mudanças ocorridas, falta um princípio referencial que vincule tais mudanças ao bem estar sexual humano. "Quando tudo se torna sexual, nada mais é sexual", lamenta um escritor.

No terreno do afetivo-sexual instalou-se um caos. Na verdade, todos sabemos o que é sexo e o que é afetividade, mas algo nos faz querer saber mais, encontrar referenciais para as incertezas que nos perseguem. O que buscamos desesperadamente é a junção dessas duas vertentes, sexo e afeto, que o caos da pós-modernidade quer ver separadas.

Haverá lugar para a vivência significativa do afeto nesse mundo que tem tanta pressa e não sabe aonde vai? - Sim, com certeza. Contra-pondo-se ao exercício do sexo sem amor, do sexo desempenho, e seu vazio



conseqüente, aflora hoje o forte desejo de um novo enlace, capaz de reunir o erótico ao psicológico. É por esse enlace que se poderá fazer nos dias atuais o trânsito da sexualidade ao amor. Porque é o espírito quem dá sentido aos tormentos do amor. Daí a importância de re-dimensionar uma sexualidade sem rosto, sem alma, marcada pelo delírio. Urge encontrar aquilo que une, que vincula, que funde com o outro, que garante crescimento, na arriscada aventura da partilha amorosa.

A sexualidade é uma energia que nos impulsiona à busca do prazer, mas um prazer plural, que jamais se esgota na genitalidade. Ela é muito mais. É constante re-invenção do espírito humano, e como tal, não obedece a modelos rígidos. Discurso algum poderia dizer que uma boa vivência da sexualidade seria de

uma determinada forma. Não! Ela é boa na medida em que faz crescer as pessoas. Por isso, exige troca e inventividade. E é nessa partilha democrática e sensível que os sujeitos do encontro erótico se transformam em pessoas únicas, entre as quais, inevitavelmente, circula o amor.

É palmilhando esse caminho que se encontra o lugar do afeto na vivência sexual. Afeto entendido como uma emoção que torna o outro especial. Afeto, cujas práticas se criam, se inventam. E, quando se trata de investimento sexual, é a sedução quem gesta o afeto. Prenhe de afeto, a sedução irrompe no olhar discreto e sutil, na pressão das mãos, no joelho que não se afasta, na palavra suave, no braço que envolve, no toque sem querer, mas capaz de detonar no outro a fantasia de que ele se tornou magicamente a

mais bela e desejável de todas as criaturas.

Afeto assim vivido, irradia. Impreterivelmente levará marido e mulher a um "pacto de ternura" com todas as pessoas que o circundam. Trata-se de deixar jorrar o afeto: cobrir de ternura os filhos, reclinar-se até o mendigo para tocá-lo com carinho, levar o doente ao hospital, emprestar aos vizinhos, sorrir para quem passa, dar o braço aos idosos, hospedar o peregrino... (Mt 25,31-46).

Quando tudo isto acontecer, os especialistas poderão sustar a grave denúncia que hoje fazem: "Existem no mundo mais de 100 milhões de crianças doentes por carência afetiva profunda". Do contrário, que espécie de cristãos somos nós?

*Terapeuta de Família e de Casal. Mestre em Psicologia

O tolo

Numa pequena cidade do interior um grupo de pessoas se divertia com o idiota da aldeia. Um pobre coitado de pouca inteligência, que vivia de pequenos biscates e esmolas. Diariamente eles chamavam o bobo ao bar onde se reuniam e ofereciam a ele a escolha entre duas moedas - uma grande de 25 centavos e outra menor, de 1 real. Ele sempre escolhia a maior e menos valiosa, o que era motivo de risos para todos. Certo dia, um dos membros do grupo chamou-o e lhe perguntou se ainda não havia percebido que a moeda maior valia menos.

"Eu sei" - respondeu o tolo que não era tolo - "ela vale quatro vezes menos, mas no dia que eu escolher a outra, a brincadeira acaba e não vou mais ganhar minha moeda."

Algumas conclusões:

Quem parece idiota, nem sempre é.

Se você for ganancioso, acaba estragando sua fonte de renda.

O prazer de um homem inteligente pode ser bancar o idiota diante de um idiota que banca ser o inteligente.

Amor pela condição humana

Sempre que vejo pessoas trabalhando em projetos humanitários atendendo a pobres, dependentes químicos e a portadores de problemas mentais como no Centro de Defesa dos Direitos Humanos de Petrópolis no qual participo, me vêm à mente duas interpelações: por que tanto sofrimento no mundo visível e invisível? A segunda interrogação é: de onde as pessoas que se dispõem a conviver com aquelas, tiram energias assistindo-as quais simões-cirineus, tentando fazer seu sofrimento mais leve? De que fonte secreta bebem?

Leonardo Boff *

Primeiramente, há de se admitir que tais pessoas fazem muita falta, pois o sentimento humanitário não é o que prevalece no mundo. A cultura dominante é materialista, exalta o individualismo e o prazer, favorecendo a indiferença face à dor dos outros. Assim aumenta o desamparo humano, pois o terrível não é tanto o sofrimento em si mas a solidão no sofrimento, o fato de ninguém se mostrar bom samaritano e se curvar sobre o caído em tantas estradas da vida.

As pessoas que, contrariamente à tendência dominante, optam pela com-paixão e por servir aos outros necessitados, precisam continuamente beber de alguma fonte secreta e alimentar uma visão espiritual da vida. Caso contrário, podem sucumbir face à dureza daquela opção em si tão generosa.

Antes de mais nada, importa ter uma visão diria, filosófica, da condição humana. Esta é composta de alegria e de dor, de realização e de frustração, de sonho e realidade. Somos seres de sabedoria (sapiens), de racionalidade e de propósito e ao mesmo tempo seres de demência (demens), de agressividade e de violência.

O desafio da vida é fazer com que o pólo positivo prevaleça sobre o negativo, embora ambos sempre coexistam. Constatamos, entretanto, que em muitos domina o pólo negativo, gente que se perdeu por aí e que não deu certo na vida. Precisamos crer que neles também se esconda o outro pólo, o positivo. que deve ser ativado e alimentado.

Assumida esta perspectiva de base, há de se viver uma atitude de com-paixão. Ter compaixão não significa ter dó. É a capacidade de sair de si, de transferir-se para o lugar do outro e compartilhar de seu sofrimento. Pertence à compaixão acolher o outro como ele é, não querer interferir sabendo que cada qual tem o seu caminho. É importante estar junto dele, não obstante o sentimento de impotência, mas sempre com respeito face ao destino de sua vida, às vezes trágica.

Por fim, há que se ver nos "caídos na estrada" filhos e filhas crucificados de Deus. Eles gritam por ressurreição. Cada pequeno gesto de acolhida e de compreensão pode significar para eles um sinal de ressurreição. Como negar-lhes esta esperança?

Para se manter este tipo de humanismo é importante alimentá-lo mediante um aparelho de conversa sobre problemas humanos. Destarte entendemos melhor a condição humana e como podemos suavizar as contradições. Mais que tudo, a oração e a meditação são fontes alimentadoras de uma visão espiritual da vida. É beber da fonte inesgotável do Ser.

Quantas vezes não nos sentimos obrigados a suplicar forças para continuar, pois a situação dos pobres não raro é infernal e sem solução. Outras vezes temos vontade de gritar: "Ó Pai, não esqueças que todos estes são também teus filhos e filhas. Não os deixes assim desgarrados. Cuida, por favor, deles pois são tantos e nós tão poucos".

* Teólogo

Direitos Humanos e o futuro da humanidade

Marcelo Barros *

Cada vez que a ONU comemora o aniversário da Declaração dos Direitos Humanos, assinada no 10 de dezembro de 1948, o mundo se dá conta de que ainda tem pouco a celebrar e muito a caminhar.

A maioria da humanidade lamenta, mas acha natural que dois terços dos seres humanos vivam em condições de pobreza estrutural, não tenham uma casa digna para morar e que, no mundo dito "globalizado", emprego seja, cada vez mais, artigo de luxo. A própria ONU, que publicou a Declaração Universal dos Direitos Humanos e se propôs a ser guardiã e defensora destes direitos, convive naturalmente com a pobreza injusta dos povos explorados, as regras iníquas do comércio mundial e uma organização internacional que privilegia sempre os mais fortes.

A Declaração dos Direitos Individuais foi uma conquista fundamental da humanidade. Quase sessenta anos depois, continuamos lutando para que esses direitos entrem na consciência

dos povos e de cada membro da humanidade. Em um país como o Brasil, juízes mantêm na prisão uma anciã de 79 anos que foi presa há mais de dez anos, roubando um xampu e agora está morrendo de câncer (Folha de S. Paulo, domingo, 27/11/2005). Todo dia, a sociedade convive naturalmente com notícias de violências policiais e com torturas nas delegacias.

No corpo de leis internacionais, já existem sancionados os direitos específicos de comunidades indígenas, de povos originais, de migrantes e de ciganos. Países como o Brasil, (não os Estados Unidos), assinaram a declaração de direitos das crianças e o Estatuto dos Idosos. Do mesmo modo, temos de defender direitos dos portadores de necessidades especiais, das minorias étnicas e assim por diante... Mesmo se ainda são pouco cumpridos, o simples fato da lei internacional tornar obrigatório o respeito aos direitos fundamentais de qualquer pessoa, pobre ou rica, branca ou negra, torna ilegais todas as ditaduras, revela a iniquidade de qualquer tipo de tortura e mostra que é impossível uma verdadeira civilização sem respeito às liberdades individuais e à dignidade humana. A consciência

desses direitos fundamentais expressa a fé na sacralidade de toda pessoa e da humanidade inteira, representada em cada criança maltratada e pobre injustiçado. No entanto, a defesa dos direitos civis e políticos se torna superficial e improdutivo sem a garantia dos direitos econômicos, sociais e culturais, tanto das pessoas individuais, como das comunidades (direitos coletivos). No Brasil, grupos comprometidos com paz e a justiça conseguiram consolidar a Plataforma Brasileira de Direitos Humanos, Econômicos, Sociais e Culturais (Dhesc Brasil), reconhecida pela ONU e que representa importante conquista no plano jurídico e social.

Geralmente, falamos de direitos civis e políticos quando se tratam de questões que o Estado não pode fazer com nenhum/a cidadão/ã. Não pode coibir direitos, como o de expressão, participação em grupos e organizações sociais e o direito de circular



livremente no país e no mundo. Conforme a mesma legislação, o Estado não pode prender alguém sem ordem judicial. Isso faz parte dos direitos civis de qualquer pessoa. Os direitos sociais e econômicos vão além disso. O Pacto Internacional dos Direitos Econômicos, Sociais e Culturais - PIDESC - olha não apenas o que é proibido, mas ressalta as ações positivas que o Estado deve promover para garantir direitos sociais, como o acesso de todos à educação, a um eficaz atendimento no plano da saúde e

à possibilidade de trabalho remunerado. Defende o direito das comunidades ao exercício livre e pleno de sua cultura própria, direito ao tempo de lazer e assim por diante.

Esta dimensão nova dos Direitos Humanos cuida de aperfeiçoar políticas públicas de inclusão social, baseadas no direito que todos têm a uma vida digna e integrada na sociedade. A pobreza é, em si mesmo consequência de uma sociedade que desrespeita, ao menos vários

senão todos os preceitos destes Direitos Universais. Esta injustiça estrutural não é inevitável. Basta vontade política dos governos e organismos internacionais para mudarmos a face da terra. Todos os estudos confirmam: a terceira parte do que o governo norte-americano gastou na invasão do Iraque seria suficiente para acabar com toda a fome da África. A verba que a ONU pediu em julho de 2005 para socorrer as vítimas do vírus HIV e impedir a morte de milhões de pessoas não chega a um décimo do que se gasta no lançamento de um veículo espacial no Cabo Canaveral.

Pouco adianta repetir isso se não se encontram meios para mudar essa realidade. O mundo inteiro, mesmo os ditadores mais sanguinários, dizem defender os direitos humanos. O importante é estabelecer métodos e etapas no caminho de sua realização.

Hoje, todo mundo que atua nesta área sabe que Direitos Humanos não existem como definidos e prontos. São elementos de conquista gradual e permanente das sociedades e das pessoas.

O ser humano pertence ao universo como elemento intrínseco e parte consciente da natureza. Por isso, os Direitos Humanos não podem existir desligados dos direitos da Terra, da Água, do Ar e de todos os seres vivos.

No ano 2000, em Paris, a UNESCO publicou a Carta da Terra, redigida a partir de contribuições de mais de cem mil pessoas de 46 países. De forma similar à Declaração Universal dos Direitos Humanos das Nações Unidas, a Carta da Terra pode ser utilizada como um código universal de conduta para guiar os povos e as nações na direção de um futuro sustentável. Este documento sintetiza bem a razão de toda a defesa dos direitos humanos e da natureza ao concluir dizendo: "Que o nosso tempo seja lembrado pelo despertar de uma nova reverência face à vida, por um compromisso firme de alcançar a sustentabilidade, pela rápida luta pela justiça, pela paz e pela alegre celebração da vida".

** Monge beneditino e autor de 26 livros.
Mosteirodegoias@cultura.com.br*

fato
e razão

Assinaturas novas ou renovações.

Agora ficou fácil: por telefone ou e-mail.

Tel. (21) 2567-9899 ou e-mail: infatijuca@ig.com.br

Informe nome e endereço, receba instruções para o depósito bancário

A Igreja tem um velho problema por resolver. A cada momento se vê envolvida com desvios de comportamento sexual de um número preocupante de clérigos que causam estragos na sua credibilidade e rombos em suas finanças

Igreja e sexualidade

Hélio Amorim *

Os casos graves e numerosos de pedofilia desocultados em algumas dioceses norte-americanas, tentativamente encobertos sistematicamente pela hierarquia superior, foram amplamente divulgados mundo afora, geraram justa revolta e indenizações milionárias às vítimas dessas agressões.

Também se vão revelando nos seminários de formação de sacerdotes elevado percentual de jovens homossexuais e conseqüentes práticas de homossexualismo em níveis e freqüência acima dos índices sociais desse aspecto da sexualidade humana.

Autoridades religiosas têm manifestado preocupações sobre o risco de desdobramentos de comportamentos incorretos no exercício futuro de suas funções, já que sacerdotes estarão sempre envolvidos com grupos de diferentes faixas etárias, muitas vezes envolvendo crianças ou

adolescentes sem maturidade para defender-se de eventuais assédios de natureza sexual.

Recentemente, o Vaticano anunciou uma mega operação mobilizando grande número de inspetores para visitar 229 seminários norte-americanos e investigar a incidência do problema do homossexualismo. Visa à exclusão de candidatos ao sacerdócio que apresentem essa tendência sexual.

Logo, jornais informaram que o papa havia editado uma severa instrução na qual proíbe o acesso ao sacerdócio de homossexuais ou daqueles que apresentem forte tendência ao homossexualismo. Também serão excluídos os que tenham mantido relações sexuais "nos últimos três anos". A imprensa diz que o objetivo é "reduzir no futuro os casos de pedofilia".

Esse quadro certamente realista ressalta o fato de estar a Igreja lidando com uma das questões não ou mal resolvidas na teologia oficial, nas disciplinas e práticas eclesiais.



Cena de uma apresentação do "Cirque du Soleil" exalta a beleza dos corpos no encontro homem-mulher, unindo arte e sexualidade, revertendo a sua desvalorização milenar.

A sexualidade humana foi sendo demonizada ao longo dos séculos, na construção do corpo de doutrinas e normas eclesiásticas, nem sempre rigorosamente evangélicas. Foram elaboradas por santos teólogos varões, celibatários forçados, geralmente submetidos a uma formação castradora do impulso sexual, para serem capazes de defender-se do risco de envolvimento afetivos e assédios de forte estimulação de sua sexualidade que pusessem em risco o voto do celibato imposto.

A castração intencional de um impulso tão fundamental é uma violência contra a pessoa humana e contra Deus que nos dotou a todos desse estímulo rico para a construção de relações interpessoais profundas e humanizadoras. Para construí-las e constituir família fomos criados.

Por outro lado, a sublimação livre e espontânea desse impulso, não condicionada ou induzida por pressões psicológicas e preconceituosas contra a

sexualidade, para abraçar uma vocação rara e especial de serviço ao Povo de Deus, em situações limites e de risco, é sem dúvida um valor heróico. Não é o caso da maioria dos sacerdotes designados para gerir uma paróquia ou exercer o magistério em seminários e universidades católicas, atividades compatíveis com a constituição de uma família e a realização plena da sexualidade que alimenta uma rica vivência afetiva querida por Deus.

Arriscamo-nos afirmar que na norma do celibato obrigatório está a origem dos problemas que a Igreja pretende resolver de forma canhestra e preconceituosa. O homossexualismo não é uma enfermidade ou deformação de caráter. A ciência ensina que tem origem na formação biopsíquica original do ser humano, que definirá sua constituição sexual não apenas orgânica e morfológica, mas o direcionamento do impulso para relações afetivas profundas homo ou heterossexuais. A ampla predominância da segunda tendência não permite desqualificar a outra como deformação ou enfermidade psíquica.

Em suma, a vocação para o sacerdócio pode ser viva e verdadeira tanto no homossexual como no heterossexual que também tenha uma forte e bela vocação para o casamento e a paternidade. Um e outro não deveriam ser impedidos de abraçá-las, por não se configurar qualquer incompatibilidade. O aparente crescimento da participação de homossexuais no

conjunto de candidatos e no próprio clero já ordenado pode ser explicado pela norma do celibato obrigatório. Com efeito, o homossexual justifica socialmente a sua negação a relações afetivas com mulheres por seu voto de celibato. Sente-se, por outro lado, atraído por integrar-se a uma corporação exclusivamente masculina, que corresponde ao tipo de convivência próprio de sua constituição sexual. Nos seminários, ao longo de anos de convivência, acresce a possibilidade do envolvimento afetivo e da prática homossexual que agora estará sendo investigada na terra do Bush.

É claro que ninguém acredita tratar-se de um fenômeno exclusivamente norte-americano... É uma advertência aos reitores de todos seminários do planeta, para que ponham suas barbas de molho. Tampouco a homossexualidade explicará os desvios para a pedofilia criminosa. É mais provável que esse tipo de assédio tenha autores heterossexuais cujo impulso sexual tenha sido reprimido por aquela formação castradora que acaba aflorando sob formas odiosas de comportamento.

É chegado ainda que tardio o tempo propício para a discussão da sexualidade na vida da Igreja e em suas normas e doutrinas questionáveis sobre essa rica realidade humana.

Elas também interferem freqüente e indevidamente nas relações conjugais e no planejamento familiar, e de modo injustificável na acolhida aos que fracassaram no casamento e reconstruíram a sua vida afetiva com benefícios para

todos os envolvidos, minimizando os efeitos sofridos da separação irreversível.

*Membro do MFC e editor da Revista "Fato & Razão" do Movimento Familiar Cristão MFC

- ❖ *Reverendo estas colocações: com que concordamos, de que divergimos?*
- ❖ *As famílias que conhecemos têm dificuldades em abordar questões relacionadas com a sexualidade nas relações pais e filhos?*
- ❖ *Quais as possíveis dificuldades? Quais as razões para tais dificuldades, se ocorrerem?*
- ❖ *As orientações da Igreja no campo da sexualidade contribuem para facilitar ou dificultam a abordagem desse tema na formação dos filhos?*
- ❖ *O celibato dos padres deve continuar sendo obrigatório ou poderia ser opcional? O que nos parece melhor para a vida da Igreja? Por que sim ou não?*

Armas assassinas

Para ninguém esquecer. Todos leram a notícia. Um adolescente de 15 anos foi morto na sala de aula de um colégio estadual de São Paulo. O assassino involuntário foi outro adolescente de mesma idade que levou na mochila dois revólveres Taurus 38 de seu padrasto, para mostrar aos colegas. Engatilhou uma das armas para exibir seu talento mas não soube desengatilhá-la. Guardou-a de volta na mochila. No manuseio de arrumação, ela disparou. O colega que fazia seu trabalho de aula, caneta em punho, foi atingido pela bala assassina. Morreu escrevendo.

O autor involuntário do disparo é também uma vítima. Carregará a culpa por toda a vida, arrependido da sua imprudência. Esse tipo, de tragédia se repete a cada dia nas ruas ou em alguma casa ou escola. Mata-se em discussão de bar ou bate-boca em acidente de trânsito. Num momento de raiva passageira, estando a arma ao alcance da mão, sai o tiro mortal. Logo o arrependimento, a culpa que não se apaga, o processo policial e a prisão. Porque havia uma arma à mão no momento errado. Essas são as armas que precisam ser recolhidas, punidos seus portadores, potenciais matadores pelo simples porte do instrumento de morte.

A campanha para recolher armas deve continuar. São inúteis para auto-defesa. O bandido sempre atira primeiro, se suspeita de arma ao alcance da vítima. Desde o começo do recolhimento de armas, calcula-se que deixaram de morrer 5 mil pessoas que as estatísticas previam como vítimas desses episódios do cotidiano.

Mesmo assim, o referendo sobre as armas resultou em não proibição do comércio de armas. Outros incidentes continuarão acontecendo. (H.A.)

DEPRESSÃO

COMPREENSÕES INTERPRETAÇÕES TRATAMENTOS

Jorge La Rosa*

Hoje em dia é comum ouvir-se dizer que esta ou aquela pessoa está atravessando uma crise depressiva, assim como o Prozac incorporou-se ao vocabulário cotidiano.

Todos temos alguma familiaridade, lingüística ou experiencial, com a depressão. Afinal, o que é a depressão? É ela um fenômeno normal ou patológico? Ela acomete todos os indivíduos e nesse sentido é universal ou escolhe alguns como "eleitos"? O texto que segue pretende lançar alguma luz sobre essas questões, a partir de artigo do Prof. Isaías Pessotti.

Significado da depressão

Depressão significa, literalmente, variação quantitativa para baixo, diminuição. O significado clínico original de "depressio" era abatimento, retraimento: condições que compõem o padrão de tristeza. Na psicopatologia mais antiga, desde Hipócrates, essas condições, quando duradouras e acompanhadas por delírios tristes ou pessimistas podiam ser sintomas de uma doença do humor: a loucura triste, a melancolia. Assim, a depressão jamais foi uma doença; era, isso sim, um sintoma da melancolia.

O tratamento prescrevia tanto dietas poções ou fármacos para corrigir o desarranjo do humor, assim como práticas que configuravam uma psicoterapia primitiva.

O confronto da dura realidade

Desde Plater (1625), mas principalmente a partir de Philippe Pinel (1745-1826), essas doenças (?) podem ter origem afetiva ou passional. Podem resultar das condições adversas da vida afetiva, do confronto inevitável da "dura realidade": o indivíduo perde o emprego, não é correspondido no amor, fracassa profissionalmente, é abandonado pela família e amigos...

Kraepelin, em 1915, classifica as patologias depressivas como "estados constitucionais depressivos", o que permite falar em depressão "constitucional", isto é, resultante de uma predisposição

Orgânica. O autor afirma, assim, que há depressões endógenas, independentes das experiências da vida social ou afetiva. Essa posição é apoiada por pesquisas recentes.

Medicamento ou psicoterapia?

Para uma depressão patológica, causada por alguma disfunção na bioquímica neural, a terapia ideal e eficaz pode ser algum medicamento. Mas a clínica tem mostrado que essas depressões "endógenas" não são tão freqüentes como as outras depressões, resultantes das dificuldades afetivas ou sociais, casos em que o fármaco pode ser ineficaz e inútil. Isso é claro, se além do alívio temporário do sofrimento, se pretende uma cura real.

O conceito de "fundo orgânico predisponente" dos estados depressivos e de outras patologias, passa por uma reformulação a partir da obra de Bleuler (1908). Este autor não rejeita a existência de fatores orgânicos predisponentes, mas afirma que a ação deles não é absoluta, e sim mediada por processos psicodinâmicos. Neste caso, para que haja uma depressão, por exemplo, além de condições orgânicas favoráveis, devem colaborar também determinadas condições psicológicas, ou seja, uma personalidade "disponível" para a depressão. Personalidade disponível, no caso, significa resistência mais baixa, maior vulnerabilidade, auto-estima diminuída. Segundo o

autor, então, a depressão depende de uma interação entre o orgânico e o psicológico.

Nossa cultura depressiva

Vivemos hoje numa cultura depressiva, não só porque o cotidiano é penoso, repleto de frustrações e decepções, mas principalmente porque gera personalidades frágeis, pouco resistentes à frustração, à perda, à incompreensão do outro. E, por consequência, mais suscetíveis à desestabilização diante das agruras normais da vida ou diante de uma hipotética predisposição orgânica.

Psicoterapia e cura

Quando a depressão não é claramente endógena ou de fundo orgânico, é da psicoterapia que se



pode esperar alguma cura ou prevenção. O medicamento pode aliviar o sofrimento, como o álcool pode fazer esquecer a perda de um afeto, mas o álcool não traz de volta o amor perdido, nem o remédio traz a restauração da auto-estima; nem a reavaliação de seus sentimentos, nem a redefinição de seus valores.

Epidemia de diagnósticos de depressão

Hoje facilmente se diagnostica que o indivíduo "X" está com depressão. Um diagnóstico médico de depressão reduz a ansiedade do paciente, dá nome ao seu fantasma. E lhe permite abrir mão de ulteriores indagações sobre si mesmo, seus valores, seu destino, o significado de sua vida, a ética do seu agir, o compromisso com a comunidade.

É preciso reconhecer, por outro lado, que há disfunções orgânicas que podem causar depressão. Acompanhei, de perto, pessoa que tinha disfunção hormonal (tireóide). Tratou sua tireóide, a depressão desapareceu.

- ❑ *Há casos de depressão em parentes e pessoas de nossas relações? A que causas se costuma atribuir essa enfermidade?*
- ❑ *Será possível, além do tratamento médico ou psicológico profissional, alguma forma de apoio eficaz de parentes e amigos a pessoas em depressão?*
- ❑ *Profissionais poderiam orientar esse apoio de não-profissionais? O que se faz em nossa cidade diante desse problema da vida moderna?*

Vida dura, perdas e sofrimento

Há hoje para todos uma situação de vida dura que implica freqüentes frustrações e decepções e na qual a subjetividade de uns resiste mais que a de outros: alguns são mais resistentes aos contratempos da vida, embora também sofram. Mas estão mais fortalecidos para o embate, porque são mais confiantes em suas possibilidades, mais firmes em seus valores, mais éticos em seu agir. Em resumo, têm uma sólida subjetividade. Ou um "eu" mais sólido.

Não se pode exorcizar da condição humana todo sofrimento, perdas e impotências. Não se pode anestesiá-lo o ser humano, com fármacos ou idéias delirantes. Viver implica também em algum sofrimento; e este é um dos caminhos da evolução espiritual. O sofrimento não é um fim, mas ele nos permite entrar em comunhão com todos aqueles que sofrem, e nos capacita para a solidariedade. E isto já é um ganho inestimável!

*Terapeuta de Casal e Família. Doutor em Psicologia.

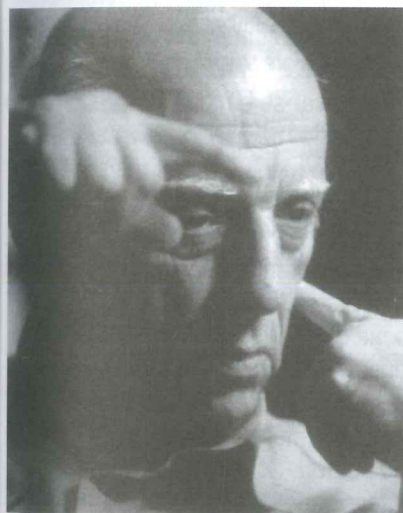
Violinos Velhos... tocam músicas

Rubem Alves*

Jesus era sábio. Conhecia os segredos do coração humano. Psicanalista insuperável. Disse: "O homem bom tira coisas boas do seu tesouro. O homem mau tira coisas más do seu tesouro". Ou seja: a gente sempre encontra aquilo que está procurando. Isso se aplica à leitura que se faz das Sagradas Escrituras. Pessoas que estão cheias de medo, de sentimentos de vingança, de autoritarismo, encontrarão na Bíblia ameaças, castigos, infernos, um Deus cruel e vingativo: parecido com eles. Cada Deus é um retrato de quem acredita nele. É possível fazer uma

psicanálise de uma pessoa analisando os seus pensamentos e sentimentos religiosos. Aqueles, entretanto, que estão cheios de sentimentos ternos e que, portanto, não são movidos pelo medo ("O amor lança fora o medo", diz o apóstolo João) vão tirar daquele tesouro idéias de beleza, bondade e perdão. Seu Deus muito se parece com uma criança: não há vinganças, castigos ou inferno.

Digo isso a propósito do que as pessoas tiram das Escrituras Sagradas, quando pensam sobre o sexo. Veio-me à memória um texto, inspirado como todos os outros, em que se descreve os últimos momentos do rei Davi. Esse incidente, relatado nos primeiros versos do livro de Reis, e sobre o qual nunca ouvi sermão, conta que, sendo Davi já velho, todos os cobertores sendo inúteis para aquecê-lo, seus servos tiveram uma idéia terapêutica: "Procure-se para o senhor nosso rei uma jovem virgem que assista o rei e cuide dele: ela dormirá sobre o seu seio e o senhor nosso rei se aquecerá". Assim se fez. Mas foi inútil. Foi inútil que o rei dormisse ao lado da mais bela jovem do reino. Seu corpo, outrora corpo de homem viril - lembrem-se de Betsebá? - permaneceu inerte.



As esperanças de que ele fosse trazido de novo à vida pelas delícias do corpo de uma mulher não se realizaram. Ele não fez amor com ela. Que decepção! E morreu.

O que esse texto sagrado diz é que havia a convicção, partilhada por todos, de que o amor sexual tem o poder de realizar o milagre de curar o corpo. O sexo aquece a vida fria. Sexo é remédio. Sexo é alegria. (Os que só tiram coisas más do tesouro concluíram, ao contrário, que sexo é veneno...)

Um dos meus textos favoritos se chama *Desiderata*. "*Desiderata*" quer dizer "conjunto de coisas que se desejam." Pois lá está dito, como um desejo: "Aceite com elegância o conselho dos anos, deixando graciosamente para trás os prazeres da juventude." O sentido não está explícito. O que eu tirei foi o seguinte: sendo os prazeres sexuais prazeres que o senso comum toma como prazeres da juventude, é preciso que os velhos aceitem com elegância as limitações da velhice, para não se tornarem ridículos: na velhice os prazeres do sexo vão também envelhecendo. Que ridículo Davi, indiferente, nos braços de uma linda jovem...

De fato, os prazeres da velhice não são iguais aos prazeres da juventude. Escrevi, faz muito tempo, sobre um casal de velhos que havia esperado mais de 50 anos para se casar. Morta a mulher do homem, morto o marido da mulher, os viúvos se encontraram para

viver, no pouco tempo que lhes restava, o amor que ficara estrangulado. O velho, 79 anos, ressuscitou. A primeira mulher odiava violino. Ele amava violino. Resultado: para evitar ruídos vocais, ele deixou seu violino sobre o guarda-roupas, por mais de cinquenta anos. Largado, as cordas do violino arrebentaram e arrebentadas ficaram... Ah! Que triste metáfora para a alma daquele homem violino impedido de fazer música... Tomado pelo novo-velhíssimo amor, as cordas da alma se afinaram, o violinista ressuscitou do ataúde em que se encontrava preso, e tratou de reformar o violino que estava em cima do guarda-roupa. (Por vezes um violino é mais potente, sexualmente, que o corpo de uma donzela...) E o violino velho, esquecido dos prazeres da juventude, começou a tocar de novo.

Essa metáfora me faz rir de alegria. Será isso? O corpo será um violino e a alma será uma música? Há, nos anais da psicanálise, o relato de uma pessoa que sonhava tocar violino em público - e o sentido do sonho era "masturbar-se em público". Estou meio esquecido. Se não foi bem assim, peço que meus colegas me corrijam, para benefício dos leitores. O que nos interessa é essa deliciosa relação metafórica entre o instrumento musical e os instrumentos sexuais. Afinal de contas, fazer amor é sempre tocar um dueto. É preciso que os dois toquem para que o dueto soe como deve. E o amor foi enorme, no curto espaço em que durou. O violino não agüentou a intensidade da sonata:

despedaçou-se antes que ela chegasse ao fim. O velhinho morreu aos 80 anos.

Escrevi uma crônica sobre o acontecido. Pois algum tempo depois, recebo um telefonema de uma mulher desconhecida. Era ela! Por quarenta minutos me relatou com detalhes a alegria do amor que ela e o seu amado haviam vivido. E, ao término da conversa, me disse essa coisa linda que, toda vez que conto, choro de emoção: "Pois é, professor. Na idade da gente não se mexe muito (por favor! - observem o muito!) com as coisas do sexo. A gente vivia de ternura!"

De fato, sexo na velhice é muito diferente do sexo na adolescência. O adolescente, no seu estado normal, é um drogado. Não me entendam mal. Não estou dizendo que eles cheiram cocaína. Estou dizendo que eles são, repentinamente, invadidos por um vulcão de hormônios que não conheciam, demônios incontrolláveis que deles se apossam, alojando-se preferencialmente em certas partes do corpo que se põem a mover dolorosamente, independentemente da sua vontade. Agostinho, no seu livro *De Civitate Dei*, já havia observado essa autonomia dos órgãos sexuais, que se movem sem permissão da razão, criando situações embaraçosíssimas, razão por que o Criador, compadecido da vergonha do homem, providenciou aventais que escondessem os seus genitais descontrolados. Vira um inferno.

Não sei sobre as mulheres. Sei que, para os homens, o desejo sexual na adolescência é um sofrimento. Não dá sossego. O curioso é que ele irrompe gratuitamente, sem necessitar de nenhuma provocação. Não é preciso que o adolescente veja mulheres nuas, filmes pornô ou simplesmente tenha pensamentos libidinosos. O desejo sexual, na adolescência, independe de um objeto. É um desejo puro, bruto, irracional. Para quem não entende o que estou dizendo vou me valer de uma comparação: parece-se, em tudo, com o desejo de fazer xixi. A bexiga vai inchando, inchando, começa a doer, a dor vai crescendo, torna-se insuportável. Não há alternativa: é preciso esvaziar a bexiga. E aí é aquele prazer, aquela felicidade... O ato de fazer xixi, quando a bexiga está cheia, em tudo é comparável ao tesão e ao orgasmo, na adolescência. Creio, inclusive, que a análise que Freud faz do prazer sexual toma o ato de fazer xixi como modelo: o objetivo do prazer não é o prazer; é livrar-se da dor, voltar ao equilíbrio, à experiência budista de não desejar nada: nirvana...

Isso passa. Esse estado de perturbação hormonal é de curta duração. É como um cavalo selvagem, sem controle, desembestado, arrebentando cerca, pulando ribeirão, se atolando em charco... Depois o cavalo selvagem, poder puro, explosão atômica, destruição, vai ganhando forma. Da Vinci achava que os cavalos eram os animais mais belos, depois dos seres humanos... O

poder selvagem ganha forma, descobre os limites. Poder bruto é feio. Como disse Nietzsche: "Quando o poder se torna gracioso, então a beleza acontece."

Surge então o sexo sob uma outra forma: a ternura. Aí os ditos órgãos

- ❖ *O autor, escritor e teólogo, fala aqui como psicanalista com longa experiência em lidar com pacientes submetidos a concepções e realidades ainda vistas como tabus na sociedade. Como reagimos à sua análise franca da sexualidade madura que se expressa e é ativada pela ternura, pelo amor?*

descontrolados deixam de se movimentar por conta própria. Só se movimentam quando comovidos pela ternura da beleza... Sem a ternura da beleza eles ficam inertes. Os tolos acham que é impotência. Ou frigidez. É nada!

**Escritor, poeta, psicanalista*

Relato de autor desconhecido

Há muitos anos, quando eu trabalhava como voluntário em um hospital, eu vim a conhecer uma menininha chamada Liz que sofria de uma rara doença.

A única chance de recuperação para ela parecia ser através de uma transfusão de sangue do irmão mais velho dela de apenas 5 anos. Ele, milagrosamente tinha sobrevivido à mesma doença e parecia ter, então, desenvolvido anticorpos necessários para combatê-la. O médico explicou toda a situação para o menino e perguntou, então, se ele aceitava doar o sangue dele para a irmã.

Eu vi ele hesitar um pouco mas depois de uma profunda respiração ele disse: "Tá certo, eu topo já que é para salvá-la....".

À medida que a transfusão foi progredindo, ele estava deitado na cama ao lado da cama da irmã e sorria, assim como nós também, ao ver as bochechas dela voltarem a ter cor.

De repente, o sorriso dele desapareceu e ele empalideceu.

Ele olhou para o médico e perguntou com a voz trêmula: "Eu vou começar a morrer logo, logo?"

Por ser tão pequeno e novo, o menino tinha interpretado mal as palavras do médico. Pensou que teria que dar todo o sangue dele para salvar a irmã!

Por que quando criança, somos capazes de grande gestos e com o passar da idade passamos a ser cada vez mais mesquinhos, arrumando desculpas para justificar os nossas omissões?



Rafael Falavigna (Época) fotografou um aterro sanitário onde é depositado o lixo diário de uma grande cidade, e centenas de catadores vão buscar resíduos recicláveis, que tenham algum valor comercial. É uma atividade insalubre, da qual também participam crianças e idosos, arriscando a saúde para conseguir remuneração irrisória. revelam dramaticamente um gravíssimo problema social.

fato

O lixo é um dos grandes problemas mal resolvidos no Brasil e no mundo. Grandes centros urbanos produzem mais detritos do que são capazes de tratar e dar destino não poluidor. Municípios vizinhos se recusam a receber o lixo da cidade grande. Surgem conflitos. Países ricos tampouco têm espaços para lixões e aterros sanitários. Países pobres se oferecem para receber o lixo excedente dos ricos, mediante pagamento. Há navios transportando contêineres de lixo, procurando países que aceitem receber sua carga.

razão

O consumo desregrado nos países mais ricos e nas classes sociais abastadas dos países emergentes, com a profusão de embalagens cada vez mais sofisticadas, a cultura do descartável e a falta de educação para a proteção ambiental resultam em milhões de toneladas diárias de resíduos poluidores, sem solução viável para o futuro.

Nossos velhos

Martha Medeiros

Pais heróis e mães rainhas do lar. Passamos boa parte da nossa existência cultivando estes estereótipos. Até que um dia o pai herói começa a passar o tempo todo sentado, resmunga baixinho e puxa uns assuntos sem pé nem cabeça. A rainha do lar começa a ter dificuldade de concluir as frases e dá prá implicar com a empregada.

O que papai e mamãe fizeram para caducar de uma hora para outra?

Nossos pais envelhecem. Ninguém havia nos preparado pra isso.

Um belo dia eles perdem o garbo, ficam mais vulneráveis e adquirem umas manias bobas. Estão cansados de cuidar dos outros e de servir de exemplo: agora chegou a vez de eles serem cuidados e mimados por nós, nem que pra isso recorram a uma chantagemzinha emocional.

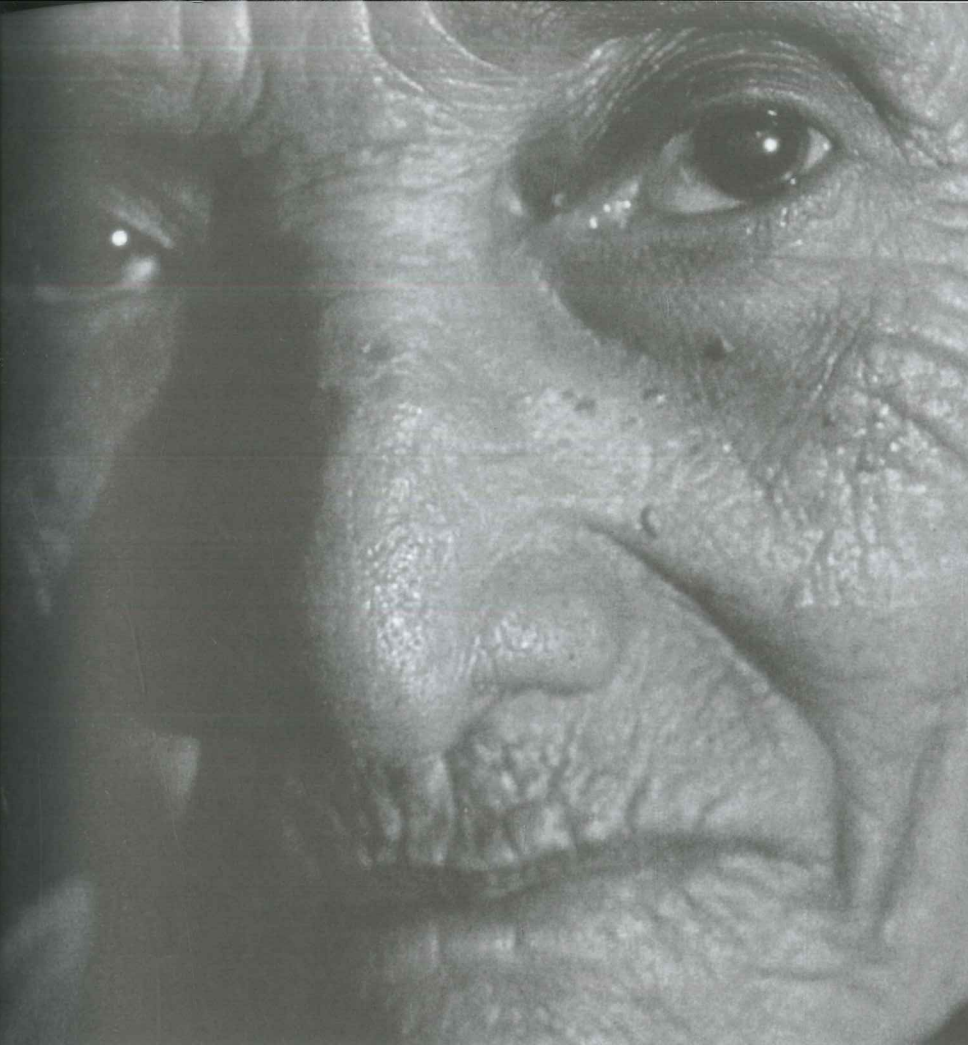
Têm muita quilometragem rodada e sabem tudo, e o que não sabem eles inventam. Não fazem mais planos a longo prazo, agora dedicam-se a pequenas aventuras, como comer escondido tudo o que o médico proibiu. Estão com manchas na pele. Ficam tristes de repente. Mas não estão caducos: caducos ficam os filhos, que relutam em aceitar o ciclo da vida.

É complicado aceitar que nossos heróis e rainhas já não estão no controle da situação. Estão frágeis e um pouco esquecidos, têm este direito, mas seguimos exigindo deles a energia de uma usina. Não admitimos suas fraquezas, seu desânimo. Ficamos irritados se eles se atrapalham com o celular e ainda temos a cara-de-pau de corrigi-los quando usam expressões em desuso: calça de brim? frege? auto de praça?

Em vez de aceitarmos com serenidade o fato de que as pessoas adotam um ritmo mais lento com o passar dos anos, simplesmente ficamos irritados por eles terem traído nossa confiança, a confiança de que seriam indestrutíveis como os super-heróis.

Provocamos discussões inúteis e os enervamos com nossa insistência para que tudo siga como sempre foi. Essa nossa intolerância só pode ser medo. Medo de perdê-los, e medo de perdermos a nós mesmos, medo de também deixarmos de ser lúcidos e joviais. É uma enrascada essa tal de passagem do tempo.

Nos ensinam a tirar proveito de cada etapa da vida, mas é difícil aceitar as etapas dos outros, ainda mais quando os outros são papai



e mamãe, nossos alicerces, aqueles para quem sempre podíamos voltar,

e que agora estão dando sinais de que um dia irão partir sem nós.

- ❖ *Estamos preparados para viver a idade avançada? A conviver com os parentes e amigos que chegaram antes a essa idade?*
- ❖ *É comum a família não saber como viver e se relacionar construtivamente com o parente idoso?*
- ❖ *Quais nos parecem ser as dificuldades maiores e os comportamentos mais humanizadores?*

Analfabetismo...

...ainda envergonha o país. Tome a iniciativa. Ensine alguém a ler, criança ou adulto, jovem ou idoso. É algo que todos podemos fazer.

Diário de um marido sozinho em casa

Autor desconhecido

Diário de um marido que sempre repetia que as mulheres se queixam dos serviços domésticos, quando basta apenas um pouco de organização.

DOM SEG TER QUA QUI SEX SÁB

1	2					
3	4	5	6	7	8	9
10	11	12	13	14	15	16
17	18	19	20	21	22	23
24 31	25	26	27	28	29	30

25 - Natal

Domingo

Sozinho em casa. Vamos passar uma semana tranqüila sem problemas e sem reclamações... Acho que teremos uma semana inesquecível - o cachorro e eu. Tracei um plano e programei meu tempo. Sei exatamente quando acordar, quanto tempo ficar no banheiro e quanto tempo levar preparando o café. Tudo planejado. Também somei o número de horas de que preciso para lavar, arrumar, levar o cachorro para passear, fazer compras e cozinhar. Estou agradavelmente surpreso em ver que ainda me sobra muito tempo livre. Não sei porque as mulheres fazem o serviço de casa parecer tão complicado, quando toma tão pouco tempo e é só se organizar.

O cachorro e eu jantamos um filet mignon cada um. Coloquei sobre a mesa a toalha de festa, uma vela, além de rosas - para criar atmosfera agradável. Ele come patê de entrada, depois outra vez no prato principal, com fina guarnição de legumes e biscoitos de sobremesa. Bebo vinho e fumo charuto. Há muito não me sentia tão bem.

DOM SEG TER QUA QUI SEX SÁB

1	2					
3	4	5	6	7	8	9
10	11	12	13	14	15	16
17	18	19	20	21	22	23
24 31	25	26	27	28	29	30

25 - Natal

Segunda-feira

Preciso dar outra olhada na programação. Parece que requer pequenas mudanças. Expliquei para o cachorro que nem todo dia é feriado, portanto não deve esperar banquetes nas refeições, nem três tigelas, que ainda tenho de lavar. No café da manhã, notei que suco de laranja caseiro tem uma desvantagem: o espremedor de frutas tem de ser limpo a cada vez.

Uma possibilidade: fazer o suficiente para dois ou três dias. Aí posso lavar com a metade da frequência.

Descoberta: você pode aquecer salsichas na sopa e assim ter menos uma panela para lavar. Certamente não pretendo passar o aspirador na casa todos os dias, como minha mulher queria. Dia sim dia não é mais do que suficiente. O segredo é andar de chinelos e limpar as patas do cachorro. Pronto. Sinto-me ótimo.

DOM SEG TER QUA QUI SEX SÁB

1	2					
3	4	5	6	7	8	9
10	11	12	13	14	15	16
17	18	19	20	21	22	23
24 31	25	26	27	28	29	30

25 - Natal

Terça-feira

Tenho a sensação de que o serviço de casa toma mais tempo do que eu imaginava. Devo repensar minha estratégia. Primeiro passo: comprei comida pronta. Não preciso gastar tanto tempo cozinhando. Não se deve levar mais tempo cozinhando do que comendo. Fazer a cama é um problema: sair debaixo das cobertas, depois arejar o lugar e então fazer a cama. É tudo tão complexo! Não acho necessário arrumá-la todos os dias, especialmente sabendo que voltarei a dormir naquela mesma noite. Parece tarefa sem importância. Não estou mais preparando refeições complicadas para

o cachorro. Comprei comida pronta para cães. Ele fez uma cara! Mas o que fazer? Se posso comer refeições semi-prontas, ele também pode.

DOM SEG TER QUA QUI SEX SÁB

1	2					
3	4	5	6	7	8	9
10	11	12	13	14	15	16
17	18	19	20	21	22	23
24 31	25	26	27	28	29	30

25 - Natal

Quarta-feira

Chega de suco de laranja! Como pode uma fruta de aspecto tão inocente criar tal confusão? É inacreditável. Comprarei suco de laranja em garrafa, pronto para beber. Descoberta: consegui sair da cama quase sem desarrumar as cobertas. Tudo que tive de fazer foi alisar um pouco o cobertor. Claro, é preciso prática e não se pode rolar muito durante o sono. Minhas costas doem um pouco, mas nada que um banho quente não resolva. Parei de me barbear todos os dias. É realmente perda de tempo. Ganho preciosos minutos que minha mulher nunca perde porque não faz barba. Descoberta: não há necessidade de se comer num prato novo a cada vez. Lavar louça com tanta frequência começa a me irritar. O cachorro também pode comer numa única tigela. Afinal, é só um cão. Nota: cheguei à conclusão de que se pode passar o aspirador no máximo uma vez por semana.

DOM SEG TER QUA QUI SEX SÁB

						1	2
3	4	5	6	7	8	8	9
10	11	12	13	14	15	16	
17	18	19	20	21	22	23	
24	25	26	27	28	29	30	
31							

25 - Natal

Quinta-feira

Basta de suco de frutas! As garrafas são pesadas demais. Descobri o seguinte: salsichas são ótimas pela manhã. No almoço, nem tanto. E no jantar, nem pensar. Se um homem come salsicha por mais de dois dias, pode ter náuseas. Dei ração ao cachorro. É nutritiva e não suja a tigela. Descobri que sopa pode ser ingerida diretamente da lata. Tem o mesmo gosto. Sem vasilha, sem concha! Não me sinto mais um lava-louças automático. Parei de esfregar o chão da cozinha. Aquilo me irritava tanto quanto fazer a cama. Parece trabalho de presidiário.

DOM SEG TER QUA QUI SEX SÁB

						1	2
3	4	5	6	7	8	9	
10	11	12	13	14	15	16	
17	18	19	20	21	22	23	
24	25	26	27	28	29	30	
31							

25 - Natal

Sexta-feira

Por que tirar a roupa à noite se vou vesti-la de novo pela manhã?

Prefiro passar mesmo o tempo deitado, descansando. Também não há necessidade de usar cobertas, assim a cama já fica feita.

O cachorro sujou o chão. Dei-lhe uma bronca. Não sou seu criado! Estranho. Minha mulher me diz isso de vez em quando.

Hoje é dia de fazer a barba, mas não sinto vontade. A paciência está no limite. O café da manhã será algo que eu não precise desembulhar, abrir, fatiar, espalhar, cozinhar ou mexer. Tudo isso me irrita.

Plano: almoçar diretamente na sacola, em cima do fogão. Sem talheres, pratos, toalhas ou qualquer outro absurdo. As gengivas estão meio inflamadas. Talvez seja a falta de frutas, tão pesadas para se carregar.

Minha mulher ligou à tarde e perguntou se lavi as janelas e as roupas. Cai numa risada histérica. Disse que não tive tempo prá todo quarto-ovir.

Há ainda problemas no banheiro. Está com um cheiro diferente e a banheira está entupida com espaguete. Não me incomoda muito, parei de tomar banho mesmo.

Nota: o cachorro e eu comemos juntos, diretamente da geladeira. Tem de ser rápido, para a porta não ficar muito tempo aberta. Reparei que o cachorro parou de abanar o rabo quando chego em casa.

DOM SEG TER QUA QUI SEX SÁB

						1	2
3	4	5	6	7	8	9	
10	11	12	13	14	15	16	
17	18	19	20	21	22	23	
24	25	26	27	28	29	30	
31							

25 - Natal

Sábado

O cachorro e eu ficamos o dia todo na cama vendo a TV. Na hora da novela, ficamos vendo a italianada comer todo o tipo de comida guloseimas. Ficamos com água na boca. Droga, estamos ambos fracos e de mau humor. Comi de manhã algo na tigela do cachorro. É vero! Nenhum de nós gostou.

Devia tomar banho, fazer a barba, pentear-me, dar comida ao

cachorro, levá-lo para passear, lavar a roupa, arrumar, fazer supermercado, entre outras coisas - mas não tenho forças. Sinto que estou perdendo o equilíbrio e minha visão está sumindo. Peguei ainda o cachorro olhando para a foto de minha mulher. Parecia que chorava. Cão ingrato. Num último acesso de auto-preservação, rastejamos até um restaurante.

Comemos vários pratos de boa comida durante mais de uma hora. Depois fomos a um hotel. O quarto era limpo, arrumado e aconchegante. Acho que finalmente encontrei a solução ideal para os serviços de casa.

Parece incrível, tantos anos de casado com minha mulher e ela nunca pensou nisso.

Frases de Millôr Fernandes

"Baiano só entra em pânico no dia seguinte."

"Jamais diga uma mentira que não possa provar."

"Canalhas melhoram com o passar do tempo (ficam mais canalhas)"

Para melhor transmitir a nossa fé aos nossos filhos

Descomplicando a fé

Helio Amorim

Editora Paulus

128 páginas - R\$ 10,00.

Pedidos à **Livraria do MFC**

Tel.(32) 3214-2952

E-mail: livraria.mfc@veloxmail.com.br

Cabrobó virou manchete de jornais quem diria! com os suspiros do "Velho Chico", que se sente esquecido e esvaziado. As carrancas dos barcos encalhados não mais interpretam as fantásticas lendas do seu passado. Expressam, agora, como máscaras de assombração, as miragens onduladas de um rio que, esgotado, vai ficando vazio... E por onde serpenteia, pede socorro ao Brasil.

Os sussurros do "Velho Chico"

Jayme Sampaio*

Frei Luiz Cappio ouviu o clamor do povo às margens do seu rio... Como bom franciscano, quis ofertar sua vida pela limpidez da "irmã água", por acreditar que é direito de cidadania o fraterno do povo com o rio dom divino da Criação no estorricado sertão... Por isso, o jejum profético em Cabrobó criou um quíprocó, quando anunciado ao povo e à nação que o nosso "Velho Chico" está de vela na mão... Vai morrer sem dó nem compaixão,

caso não haja tratamento de revitalização antes de toda e qualquer transposição.

É dever governamental prioritário cuidar de barranqueiros e vilarejos, do saneamento das águas do rio, do sombreamento de seus mananciais, dos grotões onde se vive em extrema pobreza. Não é favor. É dever, no mínimo, compensação. Afinal, não foi de lá que muitos políticos, em todos os tempos, arrancaram e desviaram "abobrinhas"? Não foram tantos os valeodutos?... É hora de pagar a conta ao "Velho Chico".

Certamente, Dom Luiz Cappio, conhecedor das necessidades do seu povo e do seu rio, ao fazer cobranças, a muita gente

desagradou. Não são de estranhar os epítetos que lhe foram dados: "Bispo bomba", demagogo, hipócrita generoso, etc. Faz parte de certa publicidade. Só não o chamaram de "bispo vermelho", pois "vermelho", hoje, é cafonice. É estrela cadente... Pelo menos, enquanto não se restitui inteiramente a memória histórica de Dom Helder Câmara...

O Bispo de Barra tem a seu favor a responsabilidade de sua missão episcopal e a vivência coerente da

mística do "Poverello de Assis", que optou por viver entre pobres e marginalizados. Tanto faz... que seja gente ou seja rio.

Conta antiga tradição que, certa feita, São Francisco, cheio de ternura e sedento, debruçou-se diante de um regato que se represava sob sombra benfazeja e falou: "Riacho, meu irmão, fala-me de Deus!" As águas começaram a borbulhar como se quisessem falar. Foram aos poucos serenando até formar um espelho cristalino. Lá no fundo, Francisco vislumbrou a imagem e os cabelos dourados de Santa Clara símbolo de beleza, ternura e pureza, do seu tempo. Saiu feliz e cantando.

Será que um dia vislumbraremos, nas águas turvas do "Velho Chico", reflexos dourados das madeixas de Santa Clara? Só com muita "paz e bem!"

*(Professor aposentado da UFBA e integrante do MFC de Salvador-BA)



Fique por dentro: leia e assine Rede
uma análise mensal da conjuntura política, econômica, social e eclesial - nacional e internacional.

Escrevem Andrea Paes Alberico, Beatriz Lorenzini, Frei Betto, Frei João Xerri, Guilherme Delgado, Helio Amorim, Jether Ramalho, João Whitaker Ferreira, Leonardo Boff, Lilia Azevedo, Marcelo Barros, Marco Antonio, Marieta Sampaio, Moema Miranda, Pastor Edson Almeida, Plínio Arruda Sampaio, Rubem Alves, Selma Amorim, Pe. Virgílio Uchoa.

Basta telefonar para a Rede de Cristãos, dar nome e endereço e receber instruções sobre a forma mais cômoda de pagamento. Tel (0**24) 2242-6433

A terapia do riso. *O riso anestesia o corpo, ativa o sistema imunológico, protege contra doenças, auxilia a memória, melhora o aprendizado e prolonga a vida. O humor cura. As pesquisas de todo o mundo já demonstraram que os efeitos positivos do riso, liberando anestésicos produzidos pelo próprio corpo, reforçam o sistema imunológico. Depois do riso o pulso estabiliza, a respiração se aprofunda, as artérias dilatam e os músculos relaxam.*

Portanto, não seja assim tão sério. Ria, ria muito, com sua mulher (seu marido), seus filhos e amigos... Ria até com aqueles que o ofendem: é uma maneira de desarmá-los...

Não fique tão sério...

Xingando

Uma mulher vem na estrada dirigindo seu carro. Um homem vem em sentido contrário. Ao cruzarem, a mulher grita para o homem:

"Cavalo!".

O homem fica furioso e retribui a ofensa:

"Sua vaca!!!" e acelera raivoso o seu carrão.

Na curva, atropela o cavalo.

Piloto cego

No aeroporto o pessoal estava na sala de espera esperando a chamada para embarcar.

Nisso aparece o co-piloto, todo uniformizado, de óculos escuros e de bengala branca, tateando pelo caminho. A atendente da companhia o encaminha até o avião e assim que volta explica que, apesar de ele ser cego, é o melhor co-piloto da companhia.

Alguns minutos depois, chega outro funcionário também uniformizado, de óculos escuros, de bengala branca e amparado por duas aeromoças. A atendente mais uma vez informa que, apesar dele ser cego, é o melhor piloto da empresa e, tanto ele quanto o co-piloto, fazem a melhor dupla da companhia.

Todos os passageiros embarcam no avião preocupados com os pilotos. O comandante avisa que o avião vai levantar voo e começa a correr pela pista cada vez com mais velocidade. Todos os passageiros se olham, suando, com muito medo da situação. O avião vai aumentando a velocidade e nada de levantar voo. A pista está quase acabando e nada do avião sair do chão.

Todos começam ficar cada vez mais preocupados. O avião correndo e a pista acabando. O desespero toma conta de todo mundo. Começa uma gritaria histórica no avião. Nesse exato momento o avião decola,

ganhando o céu e subindo suavemente.

O piloto vira para o co-piloto e diz: "Se algum dia o pessoal não gritar, a gente tá ferrado".

Teste de inteligência

O Presidente do país mais poderoso do planeta se encontra com a Rainha do país amigo. Ele lhe pergunta:

"Majestade, como a senhora consegue realizar um bom governo. Poderia dar-me alguma dica?"

"Bem, disse a Rainha, o mais importante é cercar-se de pessoas inteligentes".

O Presidente pergunta:

"Mas como posso saber se as pessoas são realmente inteligentes?"

A Rainha sorveu um gole de chá. "Ora, isto é fácil. O senhor faça uma pergunta inteligente e peça a resposta. Vou lhe mostrar".

Apertou um botão do interfone e convidou seu amigo Tony a ir ao seu gabinete.

Tony apareceu. A Rainha sorriu e lhe perguntou:

"Responda-me, por favor, Tony:

Sua mãe e seu pai tiveram uma criança que não é seu irmão nem sua irmã. Quem será ela?"

Prontamente Tony respondeu:

"Naturalmente sou eu, Majestade".

"Sim, muito bem", disse a Rainha.

O Presidente se despediu e voltou para o seu país. Chamou seu Vice-Presidente ao seu salão oval e lhe fez a mesma pergunta da Rainha.

"Não estou seguro", respondeu o Vice, ainda envolvido com o

superfaturamento da reconstrução do país invadido por causa dos poços de petróleo.

"Deixe-me consultar meus assessores e voltarei para responder-lhe".

Chamou seus assessores e repetiu a pergunta para cada um, mas ninguém lhe dava uma resposta.

Finalmente, viu o General que tinha sido afastado do governo por ter criticado a guerra do petróleo e lhe fez a pergunta:

"General, seu pai e sua mãe tiveram uma criança que não é seu irmão nem sua irmã. Quem seria ela?"

O General respondeu prontamente: "Sou eu, naturalmente".

O Vice sorriu aliviado e retornou ao salão oval.

"Presidente, fiz uma investigação e já tenho a resposta: a criança é Colin".

"Não, seu burro", respondeu o Presidente. "É Tony!"

O Papagaio

Motociclista a 140 km/h numa estrada. De repente deu de encontro com um papagaio e não conseguiu esquivar-se: "POFF!!!" Pelo retrovisor, o cara ainda viu o bichinho dando várias piruetas no asfalto até ficar estendido. Não contendo o remorso ecológico, ele parou a moto e voltou para socorrer o bichinho.

O passarinho estava lá, inconsciente, quase morto. Era tal a angústia do motociclista que ele recolheu a pequena ave, levou-a ao veterinário, foi tratada e medicada. Comprou uma gaiolinha

e a levou para casa, tendo o cuidado de deixar um pouquinho de pão e água para o acidentado. No dia seguinte, o passarinho recupera a consciência. Ao despertar, vendo-se preso, cercado por grades, com o pedaço de pão e a vasilha de água no canto, o bicho põe as asas na cabeça e grita:
- Meu Deus! Tô preso. Acho que matei o motoqueiro !!!

Fósforos

No tempo da ditadura de Salazar, era proibido usar isqueiro em Portugal. O motivo era o monopólio estatal da fabricação de fósforos no país. O uso de isqueiros baixaria o consumo de fósforos com prejuízo para a economia portuguesa. Até aqui é um fato conhecido. Mas contam o seguinte: o governo exigiu do diretor da fábrica de fósforos aumentar os lucros nessa indústria. O homem convocou as melhores agências de publicidade para que apresentassem planos para aumentar o consumo de fósforos, única maneira de aumentar os lucros. Fizeram estudos e pesquisas mas concluíram:
"Senhor, todos os cidadãos deste país já usam fósforos e a sua é a única fábrica do país. É impossível aumentar o consumo pois todos já consomem os fósforos que precisam".
O Diretor arrancou os cabelos, já ameaçado de perder o cargo. Então, um modesto operário, sabendo da aflição do chefe,

"Ter a consciência limpa é ter a memória fraca." (Autor desconhecido).

ofereceu uma idéia para o aumento do consumo:
"Senhor, basta colar o rótulo no lado contrário da caixinha. Quando o cidadão abri-la, os fósforos cairão no chão e ele vai preferir comprar outra caixinha".

Monstros

O saudoso escritor e jornalista mineiro Rubem Braga contou em uma de suas crônicas deliciosas um episódio estranho. Estava de correspondente de jornais brasileiros na Bélgica no pós-guerra, anos 40, quando foi noticiado com enorme repercussão e temor geral o aparecimento de dois espécimes de um animal desconhecido, de aspecto ameaçador, talvez de uma espécie pré-histórica extinta. Estavam num depósito de bagagens de um porto de mar. O par de insetos foi recolhido com todas as precauções por cientistas de um laboratório de biologia animal, para estudos, temendo-se que pudesse ser transmissor de alguma doença do passado. Braga não se interessou em conhecer os monstros mas seus colegas acabaram levando-o ao laboratório. Lá, teve que vestir uma bata branca, touca, luvas e máscara para entrar no isolamento e encarar as terríveis criaturas. Ao vê-las, desatou em gargalhadas, arrancou luvas e máscara.
"São duas baratas, gente. No Brasil estão em todas as casas e se combate com naftalina!..."

Sacramentos humanos Sacramentos divinos

Helio e Selma Amorim*

Sacramento significa sinal ou símbolo. Se referido às realidades humanas diremos sacramento humano, como uma flor, uma carícia, um anel, um velho cachimbo... que podem ser sinais ou símbolos de sentimentos, saudades de quem se foi, recordações e amores, muito além da sua limitada aparência de simples gesto ou objeto sem importância especial. Se referido a Deus, diremos sacramento divino.

A união de um homem e uma mulher pode ser um sacramento divino, por sua referência a Deus. Como nos demais sacramentos, há uma matéria prima indispensável: o amor do casal que, numa perspectiva de fé, toma o amor de Deus por nós como modelo para a sua união amorosa.

Os que assim se unem conheceram como o Deus da Bíblia nos ama: amor gratuito e fiel, amor-doação, amor-serviço comprometido com a nossa humanização, que respeita a nossa originalidade e aceita nossas limitações, não domina, antes nos liberta, não manipula nem sufoca, antes promove e nos ajuda a caminhar, um amor capaz de levar a dar a vida por nós (o que não é simples hipótese romântica mas morte real e de cruz).

Então percebem que a sua união, fundada no amor, é um sinal ou reflexo ainda que pouco luminoso do amor de Deus. Estão dispostos a viver esse amor numa profunda relação inter-pessoal, dialogal, de revelação mútua, comprometidos com a realização das potencialidades do outro, amor que se expresse em atos concretos e gestos simbólicos. Nunca fechado em si mesmo, mas aberto ao mundo e comprometido com a justiça e a humanização da história, nela intervindo, como Deus sempre o fez, em favor nos mais fracos.

Estão prontos, então, a proclamar que a sua união é um *sacramento divino*. Para isso, convidarão a comunidade cristã, seus parentes e amigos, aos quais anunciarão a sua união e pedirão apoio para vivê-la nessa dimensão sacramental.

Esse é o sentido da celebração religiosa do casamento que inaugura uma nova família cristã. A comunidade presente, consciente do que está sendo celebrado, responderá ao pedido do casal, comprometendo-se a ajudá-lo na concretização da sua disposição de se amarem sempre como Deus nos ama. O sacerdote que, em nome da comunidade preside a celebração, reconhece e proclama, então, que essa união é um sacramento divino, cujos ministros são, na verdade, os que se casam. Porque, de fato, somente eles são capazes de dar à sua união essa dimensão sacramental.

Este ritual tão emocionante e a vivência do casal serão os *sinais sensíveis* desse sacramento. A Graça que tornará esse *sinal eficaz* será derramada por Deus sobre o casal e sobre todos aqueles que assumiram o compromisso de ajudá-lo a viver a sua união como sacramento.

Temos que reconhecer que muitos, talvez a maioria dos casamentos que se celebram nas igrejas, não são sacramentos, não obstante a bela coreografia montada, com música, flores e tapetes. Não passam de um ato social, enraizado na nossa cultura, mas nada tendo a ver com a fé, sem referência consciente ao amor Deus tomado como modelo de uma união humanizadora, com os compromissos dele decorrentes. Por outro lado, há graus de sacramentalidade matrimonial. Se a dimensão sacramental decorre

da qualidade e profundidade do amor que une o casal, quanto mais se amam, mais se assemelhará o seu amor ao amor de Deus, portanto, mais nítida e real será a sua sacramentalidade. Na vivência do casal, ao longo de sua vida conjugal, haverá tempos de maior e tempos ou momentos de menor densidade sacramental.

Essa concepção representa um desafio evidente. Quer dizer que o sacramento não é um selo de garantia ou marca indelével e definitiva gravada numa linda celebração. Aquele não foi um ato mágico, que transformou em sacramento o que antes não era. Na verdade, a sacramentalidade nasceu no momento em que os dois reconheceram a semelhança do seu amor com o amor de Deus e o assumiram como tal. A celebração foi o anúncio e o pacto estabelecido com a comunidade cristã.

Tampouco ficou definido, naquele momento, o grau definitivo e estático da sacramentalidade da sua união. Talvez fosse apenas incipiente e ainda débil essa dimensão sacramental, diante do imenso potencial de crescimento e amadurecimento do amor dos dois.

Esse é o desafio: a sacramentalidade da união conjugal é chamada a crescer, consolidar e aprofundar-se. Ou seja, o amor que os uniu terá que ser cultivado cuidadosamente no dia-a-dia da vida conjugal e familiar para que cada vez mais se pareça com o amor de Deus.

Assim, todos os gestos e ações que contribuem para o crescimento do amor, acrescentarão mais densidade sacramental à união conjugal. O carinho e gestos de ternura, o relacionamento sexual como expressão e celebração festiva do amor, a ajuda mútua, o reconhecimento das qualidades do outro, o incentivo à sua realização pessoal, o respeito à individualidade - tudo contribuirá para o crescimento do amor e, portanto, para a crescente densidade sacramental da união conjugal. E vice-versa: a falta desses alimentos pode esvaziar o amor e a debilitar a sacramentalidade no princípio assumida. Podemos concluir que o potencial humanizador da união

do casal está diretamente relacionado com a sua sacramentalidade, se esta tem sua densidade definida pela profundidade do amor humanizador que os une.

Isto vale para os cristãos e os não-cristãos. Estes, se vivenciam a sua união fundada num amor humanizador semelhante ao amor de Deus, não reconhecerão, por estar ausente a fé, que nela há uma dimensão de sacramentalidade, não expressa e proclamada. Essa dimensão é percebida pelos que os conhecem e os vêem com os olhos da fé. Em qualquer tempo poderão descobri-la e anunciar com alegria a sacramentalidade só então percebida. E reconhecer que ela é muito anterior à descoberta tardia.



Os populares encontros e cursos de preparação para o casamento promovidos pelo MFC e outros movimentos de Igreja procuram transmitir uma visão mais clara da dimensão sacramental da união conjugal relacionando-a à vivência de valores humanos.

Vale igualmente para os que fracassaram numa primeira união desfeita, e voltaram a se casar. A segunda união pode mesmo assumir uma dimensão sacramental de densidade maior que a do casamento fracassado. Somente o casal é capaz de reconhecer e assumir sua união, agora vivenciada, como sacramento divino, na ótica de sua fé.

A sacramentalidade da união do casal não pode estar, portanto, submetida a critérios externos, mas unicamente à percepção dos que se amam e reconhecem que o seu amor é um símbolo ou sinal, ainda que de pálida luminosidade,

- ❑ *Na preparação ao casamento é transmitida com clareza esta visão desafiadora do sacramento?*
- ❑ *A construção cotidiana dessa dimensão sacramental da união conjugal é associada à vivência dos valores humanos da relação do casal?*
- ❑ *Que valores humanos se apresentam como capazes de dar maior densidade à sacramentalidade da união ao longo da vida a dois?*
- ❑ *Estamos vivenciando esse processo no cotidiano de nossas vidas?*



A transposição

Um velho e polêmico projeto de transposição de pequena parte das águas do Rio São Francisco para o Nordeste, mais cedo ou mais tarde será realizado, ainda que seja elevado o seu custo. A dívida social dos brasileiros do sul-sudeste com seus irmãos e concidadãos da região mais castigada pelas secas justifica o investimento na transposição dessa água bendita que continuaria desaguando no oceano se não levada a quem sofre as agruras da fome e sede, vendo secos os rios em longos períodos de falta de chuvas.

do amor de Deus, que tomam como modelo para a sua vida.

Não é a celebração em si ou a formalidade dos papéis assinados que criam essa dimensão sacramental da união conjugal. A celebração é um ato importante de proclamação pública dessa realidade à comunidade de parentes e amigos, para que com eles se alegrem e se comprometam a apoiá-los a vivenciar e fazer crescer no cotidiano essa dimensão sacramental ao longo de toda a vida conjugal e familiar.

**Editores de Fato e Razão, do Movimento Familiar Cristão.*

Se quer ser um bom pai

seja um bom marido

Em seu último livro, Piero Ferrucci faz esta confissão: "Afinal me dei conta: A relação que tenho com meus filhos passa através da relação com a minha mulher. Não posso ter com eles uma boa relação se minha relação com ela não é boa".

A experiência clínica de Ferrucci lhe mostrou que cada ser humano é fortemente influenciado pela relação entre seu pai e sua mãe. E essa relação vive dentro de nós como uma harmonia belíssima ou como uma laceração dolorosa. A relação entre nossos progenitores é componente do que somos. E isto é verdade também na época da família dormitório, dos progenitores solteiros, da fecundação artificial, da manipulação genética, dos ventres de aluguel, dos bancos de espermatozóides ...

Uma criança sente com todo o seu ser a relação entre seus genitores, seja qual seja, e a sente em si mesma. Se a relação está envenenada, o veneno circulará por seu organismo. Se a atmosfera não é harmoniosa, crescerá na dissonância. Se está cheia de ansiedade e inseguranças, também seu futuro será incerto. (o seu íntimo não será diferente).

A conclusão, então, parece clara: Se você quer ser um bom pai, seja um grande marido. Se você quer ser uma boa mãe, seja uma grande companheira para seu marido.

Isto parece simples, mas na prática não o é. Por que? Ferrucci responde em primeira pessoa e com grande humildade: "As vezes tenho esquecido essa realidade. Tenho tido demasiada confiança. Sabendo que nossa relação não vai bem, a tenho deixado assim. Abandonada a relação a sua própria sorte, de pronto aparecem as discussões, as recriminações".

Ferruci conta sua própria experiência

Quando um matrimônio reage a tempo e recupera o belo de seu amor, os primeiros a darem-se conta disso são os filhos. E conta sua própria experiência, depois de uma temporada em que obcecado por escrever seus livros, começou a levantar-se às cinco da manhã e passar o dia a zangar-se pelos ruídos e as interrupções:

"Comecei a sentir-me deprimido, algo não andava bem. Ao fim compreendi o que sabia, mas não queria admitir. A ordem de minhas prioridades estava equivocada".

"Decidi devolver a Vivien, minha mulher, um marido, não de sonhos. Depois ocorreu algo sutil e surpreendente. Melhorou minha relação com Emílio e Vivien. Não que fosse uma relação má, mas havia algo que não me agradava. Seguidamente Emílio era descortês com ela e falava comigo como se Vivien não existisse, ignorando-a como o machista mais empedernido. Depois entendi: Emílio me mostrava qual era minha atitude para com Vivien. Era eu quem a transformava em uma sombra. Por sorte me dei conta a tempo".

Como manter e melhorar a relação conjugal?

Este autor italiano crê que *a fonte do amor para os esposos radica na recordação de seus melhores momentos*:

"Ao contrário do que muitos pensam, eu creio que o fato de enamorar-se é o instante mais autêntico da relação entre as pessoas; é quando elas vêem que todas as possibilidades se abrem diante delas, quando tocam a essência e a beleza do amor... Diante dos olhos de minha mente desfilam nossos momentos mais luminosos: o primeiro passeio juntos, a decisão de casarmos numa tarde de setembro, Vivien me recebendo no aeroporto num dia de chuva, o pacto durante a gravidez de Emílio...".

Tudo isso é a origem, a fonte: o lugar em que tudo vai bem e é perfeito. Resulta positivo regressar de vez em quando às origens e beber daquela fonte de água pura.

Publicado por Mujer Nueva. Traduzido por René Bernardes de Souza Junior.

Milagres acontecem Leonardo Boff*

A evolução teve que caminhar alguns bilhões de anos até produzir os sentidos corporais. Na verdade, é o universo que através destes sentidos começou a se olhar, a se sentir, a se tocar e a se ouvir a si mesmo. Mas quando surgiu o ser humano, esses sentidos ficaram conscientes e por isso espirituais. Por eles o universo se olha, canta e se extasia.

Tanto para os sentidos corporais quanto para os espirituais pode ocorrer aquilo que parece impossível. Tais coisas surgem daquele fundo abissal e misterioso de energia, do qual tudo procede e para o qual tudo retorna. Chamam-no de vácuo quântico ou, numa expressão mais feliz, de "Fonte alimentadora de todo o ser", outro nome para Deus.

Porque é assim, o impossível acontece, como comentou acertadamente, numa recente crônica, Carlos Heitor Cony, ou acontece o milagre como preferem

dizer os cristãos. Vou contar um milagre comovedor.

Em 2003 visitei pela primeira vez a ilha de Fernando de Noronha, prova de que um pouco do paraíso terrenal ainda perdura. A população, em grande parte, cumpre o preceito divino dado a nossos pais originários, o de serem jardineiros e cuidadores daquela herança sagrada.

Encontrei Ana, uma professora primária, esposa de um pescador, que vendia bolinhos logo abaixo da igreja, para completar a renda familiar. Conversamos de como é importante cuidar das belezas de Noronha, educar os jovens para essa missão e obrigar os turistas a zelarem pelo lixo.

Estabeleceu-se, de imediato, uma relação de grande cordialidade. Ela tinha uma voz suave como a brisa que vinha do mar e seu olhar era terno como as areias finas da praia embaixo. Eu me animei e falei de como surgiram a Terra, os mares, as ilhas como Noronha. E ela escutava com brilho nos olhos como quem recebia uma mensagem esperada.

De repente disse: "Nós somos pequenos e humildes. Vocês são doutores e sabem tantas coisas que nós podemos aprender e nos encher de admiração". Minha companheira Márcia, educadora popular, retrucou, dizendo: "Ana, você também

Sabe coisas que nos fazem aprender e encher de encantamento". Foi então que ela se abriu e disse: "posso contar um milagre?" "Lógico, nós acreditamos em milagres".

E então contou: "Foi o que Deus nos concedeu na semana santa de anos atrás. Em casa não tínhamos peixe nem água. O navio que devia trazer mantimentos não veio. Meu marido pescador há dias não conseguia pescar nada. Que iríamos comer na semana santa? Tínhamos só um pouquinho de espaguete. Foi então que eu e meu marido, preocupados, fomos ver o mar. Olhávamos um ao outro, tristes, pedindo a Deus que cuidasse de nós, pequenos e humildes. O mar estava calmo. Eis que de repente, se elevou uma onda grande. Bateu nas pedras. E ao se retirar, ficaram milhares de sardinhas presas nas pedras. Eu tirei a anágua e

A enchi de peixes. Fui correndo chamar meus quatro vizinhos, também pescadores. Ao chegarem, veio outra onda, trazendo ainda mais peixes. Todos encheram suas bacias e ainda sobrou peixe nas pedras. Deus escutou a prece dos pequenos e humildes".

E ainda há pessoas que não crêem em milagres porque não ativaram seus sentidos espirituais. Se os ativarem, vão descobrir muitos e muitos milagres em suas próprias vidas. Mas há uma condição: fazer-se pequeno e humilde como Ana e seu marido.

Sai rezando ao Deus de Ana pedindo que me fizesse pequeno e humilde. Grande era Ana, pequeno era eu.

* Teólogo. (Extraído de Adital)

"Estamos perdidos há muito tempo... O país perdeu a inteligência e a consciência moral. Os costumes estão dissolvidos, as consciências em debandada. Os caracteres corrompidos.

A prática da vida tem por única direção a conveniência.

Não há princípio que não seja desmentido.

Não há instituição que não seja escarnecida.

Ninguém se respeita. Não há nenhuma solidariedade entre os cidadãos.

Ninguém crê na honestidade dos homens públicos.

Alguns agiotas felizes exploram.

A classe média abate-se progressivamente na imbecilidade e na inércia.

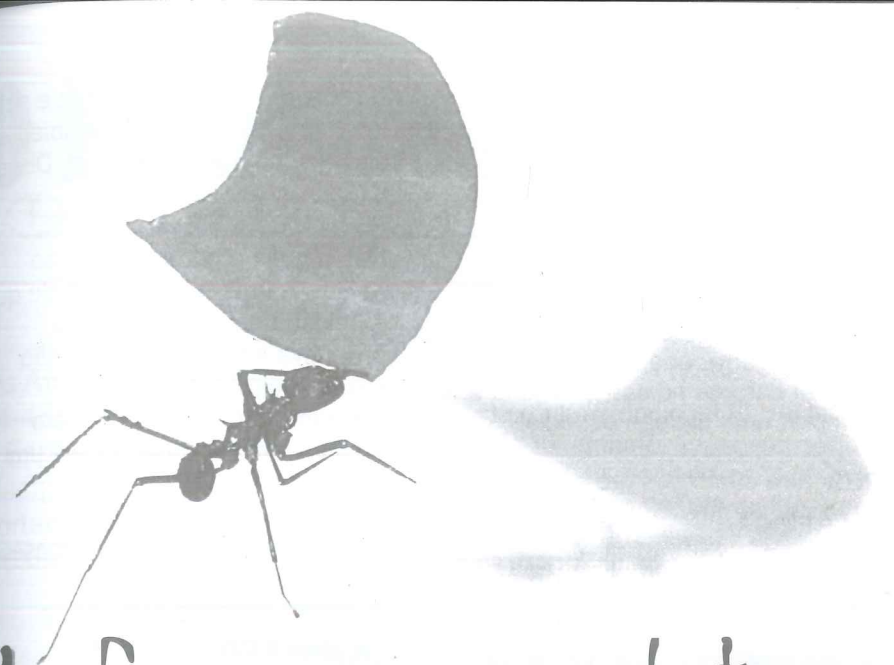
O povo está na miséria. Os serviços públicos são abandonados a uma rotina dormente. O Estado é considerado na sua ação fiscal como um

ladrão e tratado como um inimigo.

A certeza deste rebaixamento invadiu todas as consciências.

Diz-se por toda a parte, o país está perdido!

[Eça de Queiroz, escritor português, em 1871]



A formiga produtiva

Colaboração de Glória Maria

Todos os dias, bem cedinho, a Formiga produtiva e feliz chegava ao escritório onde transcorria os seus dias trabalhando e cantarolando uma velha canção de amor. Era produtiva e feliz, mas não era supervisionada.

O Marimbondo, gerente geral, considerou o fato impossível e criou um cargo de supervisor no qual colocaram uma Barata com muita experiência.

A primeira preocupação da Barata foi a de padronizar o horário de entrada e saída, além de preparar belíssimos relatórios.

Logo a Barata precisou de uma secretária para ajudar a preparar

os relatórios e empregaram uma aranhazinha que organizou os arquivos e se ocupou do telefone.

Enquanto isso, a formiga produtiva e feliz trabalhava e trabalhava.

O Marimbondo, gerente geral, estava encantado com os relatórios da Barata e terminou por pedir também quadros comparativos e gráficos, indicadores de gestão e análise das tendências. Foi então necessário empregar uma Mosca para ajudar o supervisor e comprar um computador com impressora colorida.

Logo a Formiga produtiva e feliz parou de cantarolar as suas

melodias e começou a lamentar-se de toda aquela movimentação de papéis que tinha de ser feita.

O Marimbondo, gerente geral, concluiu que era o momento de criar a função de gestor para a área onde a Formiga produtiva e feliz, trabalhava. O cargo foi dado a uma Cigarra, que mandou colocar carpete no seu escritório e comprar uma cadeira especial.

A Cigarra como gestora de área precisou de um computador novo, e quando se tem mais do que um computador, a Internet se faz necessária.

A nova gestora logo precisou de um assistente (sua assistente na empresa anterior) para ajudá-la a preparar o plano estratégico e o orçamento para a área onde trabalhava a Formiga produtiva e feliz.

A Formiga já não cantarolava mais, e cada dia se tornava mais irascível.

Será derrame? A vítima de derrame cerebral pode sofrer danos no cérebro quando as pessoas próximas falham em reconhecer os sintomas.

Os médicos dizem que um observador pode reconhecer um derrame fazendo três simples perguntas à pessoa:

- Peça-lhe para SORRIR.
- Peça-lhe que LEVANTE AMBOS OS BRAÇOS.
- Peça-lhe que a pessoa FALE uma SENTENÇA SIMPLES (coerentemente).

Se a pessoa tiver problema com algumas destas tarefas, chame um médico imediatamente e descreva-lhe os sintomas.

"Precisaremos pagar para que seja feito um estudo sobre o ambiente de trabalho um dia desses". Disse a Cigarra.

Mas um dia o gerente geral ao rever as cifras se deu conta de que a unidade na qual a Formiga produtiva e feliz trabalhava não rendia muito mais. E assim contratou a Coruja, consultora prestigiada, para que fizesse um diagnóstico da situação.

A Coruja permaneceu três meses nos escritórios e emitiu um brilhante relatório com vários volumes e custo de "vários" milhões que concluía: "Há muita gente nesta empresa".

E assim, o gerente geral seguiu o conselho da consultora e demitiu a Formiga, porque andava muito desmotivada e aborrecida.

O Espírito Santo e SEUS carismas

Frei Betto*

Os Atos dos Apóstolos (10, 44-48; 19, 1-7) narram como o Espírito Santo foi dado aos discípulos de Jesus e, portanto, à Igreja, numa efusão de vida apostólica.

O Espírito de Deus foi manifestado a Jesus no batismo do Jordão (Lucas 3, 21-22). Desde então, o Espírito é concedido, no batismo, a todos os cristãos, suscitando os carismas ou dons para serviço e fortalecimento da comunidade eclesial. Há um só batismo (Efésios 4,6) e não dois, um de água e outro do Espírito.

Ao longo da história da Igreja, sobretudo em épocas de crise, surgiram movimentos carismáticos. Paulo já se refere a eles na 1a. Carta aos Coríntios (12,7). Assinala que os dons são dados, não para a nossa soberba espiritual, mas para benefício da comunidade. E os maiores dons são o amor, a fé e a esperança.

Associar a presença do Espírito ao dom das línguas é correr o risco de trocar o principal pelo acessório, sobretudo quando, como diz Gustavo Gutiérrez, fala-se uma linguagem ininteligível

sem, no entanto, ser capaz de falar a língua dos pobres, sem a qual o anúncio do Evangelho fica prejudicado (Mateus 11, 25).

Todas as vezes que, na espiritualidade cristã, deixamos de lado a sua natureza trinitária e privilegiamos uma das Três Pessoas, corremos o risco de enfiar as mãos pelos pés. Quem privilegia o Pai tende a uma espiritualidade autoritária, moralista; quem privilegia o Filho, pode ceder ao ativismo; quem privilegia o Espírito, cria um caldo de cultura para a espiritualidade subjetivista, intimista, deslocada do caráter pastoral que nos exige a inserção eclesial.

O povo de Deus não pode ser dividido entre carismáticos e não carismáticos, alertava o padre Congar (La Croix, 19/01/1974). A renovação carismática católica, entretanto, tem o mérito de enfatizar a presença do Espírito de Deus em nossas vidas e operar conversões e curas, aprofundar a vida de oração, despertar o amor ao próximo, desde que em referência intrínseca à Sagrada Escritura e em sintonia com a linha pastoral da Igreja.

Não se deve esquecer que, outrora, o movimento carismático provocou também desvios e rupturas na vida Igreja, como foi o caso dos montanistas, dos irmãos do livre Espírito, dos flagelantes, dos iluministas, dos quietistas etc. Em matéria de religiosidade, todo exagero faz beirar o farisaísmo. Jesus condenou os fariseus de seu tempo (Mateus 23), não por serem infiéis, mas por se arvorarem em únicos intérpretes da vontade de Deus.

Como diz são Paulo (1ª Carta aos Coríntios 12), há diversidade de dons, mas o Espírito é o mesmo e o caminho que ultrapassa a todos (12, 31) é o amor.

**Frei Betto é escritor, autor, em parceria com Leonardo Boff, de "Mística e Espiritualidade" (Rocco), entre outros livros.*

Nunca nos damos conta do que custamos para o mundo...

Se fizeste 21 anos, lembra-te que até hoje, para te sustentar a existência morreram aproximadamente 2000 aves, 10 bovinos, 50 suínos, 20 carneiros e 3000 peixes diversos. Nada menos de 60.000 vidas do reino vegetal foram consumidas pela tua, incluindo-se as do arroz, milho, feijão, trigo, das várias raízes e legumes. Bebeste uns 3000 litros de leite, gastaste 7.000 ovos e comeste 10.000 frutas.

Tens explorado fartamente as famílias do ar, das águas, do solo. O preço dos teus dias nas hortas e pomares vale por uma devastação. E nem relacionamos aqui os sacrifícios maternos, os recursos de teu pai, os obséquios dos amigos e as atenções dos benfeitores que te rodeiam.

Em troca, o Senhor da vida manda te perguntar o que é que fizeste de útil? Nada deste de retorno à natureza. Lembra-te de que a própria erva se encontra em serviço divino. Tudo é mensagem de serviço, de trabalho na natureza.

Olha para tua mãe. Os anos já lhe pesam e ela prossegue em intensa atividade por ti e por teus irmãos, encontrando ainda tempo para se dedicar aos filhos de ninguém. Observa teu pai que atravessa os anos em labor digno, dando-te o exemplo de disciplina e vontade. Teus próprios amigos se encontram empenhados no estudo e na dedicação profissional.

Não fiques ocioso. Produze algo de bom, marcando a tua passagem pela Terra.

O amor não tem compromisso com as horas. Horas perdidas são horas amadas.

Não tenhamos pressa...

Jorge Leão*

Quando acordamos para o acerto de contas com o tempo, é necessário então deixar as coisas em seu horizonte de possibilidades. Somos seres de ternura na entrega ao que se ama.

Não temos o poder de intervir como magos diante de uma aparição profética daquilo que soa como notícia dos ditames divinos. Somos saudade que não se explica. Não temos segredos, apenas os levamos às trevas do abandono, na reviravolta das palavras que trazem consigo a exigência do tempo, amante das coisas que não se explicam...

Nada mais somos que peregrinos na efêmera jornada da existência. Com passos atentos a um peregrinar aberto ao tempo que passa, nos defrontamos com o envelhecimento do corpo, e, quase sempre, com o cansaço da alma...

Ao longe, segue o trajeto indelével da pretensa organização burocrática de nossos afazeres.

Contudo, a fala poética exige de nós, receptores e canais de baixa frequência, a transposição das fatalidades, mas, ao mesmo tempo, nos encaminha para a entrada na morada daquilo que nos é concedido de graça.

Rompem-se as cortinas do abandono, e o segredo dos "ouvintes do ser", para parafrasear o filósofo alemão Martin Heidegger (1889-1976), surge como inserção ao destino incansável de estarmos no mundo peregrinando e tateando sobre os rastros da morada de Deus, que não se paga por nenhuma retribuição.

Jeito amargo de apreciar o doce sentido do tempo que passa, dizendo-nos: segue-me, na paciência dos segredos indizíveis.

A entrega, por sua vez, ao serviço pleno dos ideais humanos não ataca os dividendos de nossa conta bancária. É de graça que nos alimentamos do fruto que amadurece o espírito.

É chegada a hora do momento inglório deste abandono à razão do tempo que passa. É hora de não termos pressa. É hora de morrermos na alegria das horas que são, porque passam simplesmente. Sem cobranças indevidas, aprenderemos a amar no jardim de infância da entrega incondicional aos olhares aturdidos de uma criança diante de seu brinquedo.

Perceberemos, então, a fugacidade do instante que carrega consigo o determinismo biológico para a morte, mas que não rouba a roupa interior daqueles que souberam, no transcurso de sua existência, pesar o quanto é sórdido viver sem a entrega à vida, nos segredos da morte que chega...

- ❖ *Que reflexões nos provoca este artigo? Deixamo-nos dominar pelo ritmo de vida que a sociedade nos impõe?*
- ❖ *Outro ritmo é possível?*
- ❖ *Como encaramos a perspectiva da velhice que se aproxima? Ou mesmo se ainda distante?*

Não tenhamos pressa, pois o dia do amor é tarefa conjunta, não se satisfaz com o clamor das dores no fígado do mundo, sem uma resposta capaz de romper todo isolamento. Não tenhamos pressa; sim, ao contrário, tenhamos pernas, para passar com o tempo, nos passos da agonia que nos atormenta.

Vivamos como dádiva o envelhecimento do corpo, para que não morramos nostálgicos por uma juventude vencida pela perda da memória. Leiamos as páginas do tempo, a fim de recordar que o barro de que somos feitos é ouro que se prova no fogo, quando se perde até aquilo que julgávamos ser vitória inexorável da morte...

Não fechemos, portanto, os ouvidos aos segredos das nuvens que passam, mas que, sob os ditames da harmonia cósmica, trazem consigo os anéis daqueles peregrinos, entregues ao tesouro dos que se fazem, silenciosamente, amigos de Deus.

**Professor de Filosofia do CEFET-MA*

Poema da fonte cantante

Onde andaré a fonte cantante
nascida e criada em meu coração?
Nela cantavam pássaros
e se mirava o orvalho do céu.
Nela sorriam flores
e vozes infantis cantavam loas ...

Onde andaré a fonte cantante
nascida e criada em meu coração ?
Expressão da ternura dos homens
e de seu cântico de esperança.
Nela revelava-se o amor primeiro
em suspiros que despertavam alvoradas.

Onde andaré a fonte cantante
nascida e criada em meu coração?

A areia deserta sonha com flores impossíveis
e pensa que suas lágrimas
se tornarão em colibris.
A terra ressequida esquadrinha os céus
à procura de estrelas que já não mais existem,
enquanto a voz do amor primeiro
se transformou em silêncio fecundante
de onde nascerão novas fontes cantantes
em terras ressequidas, ávidas de ternura.

Beatriz Reis
+ 2005

Jean Paul Barnier

Tempos atrás, eu era vizinho de um médico, cujo "hobby" era plantar árvores no enorme quintal de sua casa. Às vezes, observava da minha janela o seu esforço para plantar árvores e mais árvores, todos os dias. O que mais chamava a atenção, entretanto, era o fato de que ele jamais regava as mudas que plantava. Passei a notar, depois de algum tempo, que suas árvores estavam demorando muito para crescer.

Certo dia, resolvi então aproximar-me do médico e perguntei se ele não tinha receio de que as árvores não crescessem, pois percebia que ele nunca as regava. Foi quando, com um ar orgulhoso, ele me descreveu sua fantástica teoria. Disse-me que, se regasse suas plantas, as raízes se acomodariam na superfície e ficariam sempre esperando pela água mais fácil, vinda de cima. Como ele não as regava, as árvores demorariam mais para crescer, mas suas raízes tenderiam a migrar para o fundo, em busca da água e das várias fontes nutrientes encontradas nas camadas mais inferiores do solo.

Assim, segundo ele, as árvores teriam raízes profundas e seriam mais resistentes às intempéries. Disse-me ainda, que freqüentemente dava uma palmadinha nas suas árvores, com um jornal enrolado, e que fazia isso para que se mantivessem sempre acordadas e atentas. Essa foi a única conversa que tive com aquele meu vizinho.

Logo depois, fui morar em outro país, e nunca mais o encontrei. Vários anos depois, ao retornar do exterior, fui dar uma olhada na minha antiga residência. Ao aproximar-me, notei um bosque que não havia antes. Meu antigo vizinho, havia realizado seu sonho!

O curioso é que aquele era um dia de um vento muito forte e gelado, em que as árvores da rua estavam arqueadas, como se não estivessem resistindo ao rigor do inverno. Entretanto, ao aproximar-me do quintal do médico, notei como estavam sólidas as suas árvores: praticamente não se moviam, resistindo, implacavelmente, àquela ventania toda.

Que efeito curioso, pensei eu...

As adversidades pela qual aquelas árvores tinham passado, levando palmadelas e tendo sido privadas de água, pareciam tê-las beneficiado de um modo que o conforto o tratamento mais fácil jamais conseguiriam.

Todas as noites, antes de ir me deitar, dou sempre uma olhada em meus filhos. Debruço-me sobre suas camas e observo como têm crescido. Freqüentemente, oro por eles. Na maioria das vezes, peço para que suas vidas sejam fáceis: "Meu Deus, livre meus filhos de todas as dificuldades e agressões desse mundo"...

Tenho pensado, entretanto, que é hora de alterar minhas orações. Essa mudança tem a ver com o fato de que é inevitável que os ventos gelados e fortes nos atinjam e aos nossos filhos.

Sei que eles encontrarão inúmeros problemas e que, portanto, minhas orações para que as dificuldades não ocorram, têm sido ingênuas demais. Sempre haverá uma tempestade, ocorrendo em algum lugar. Portanto, pretendo mudar minhas orações. Farei isso porque, quer nós queiramos ou não, a vida não é muito fácil.

Ao contrário do que tenho feito, passarei a orar para que meus filhos cresçam com raízes profundas, de tal forma que possam retirar energia das melhores fontes, das mais divinas, que se encontram nos locais mais remotos.

- ❖ É comum conhecermos pais super-protetores de seus filhos? Como se revela essa super-proteção?
- ❖ Quais os resultados da super-proteção: filhos mais seguros de si? mais autônomos? mais criativos? ou o contrário?
- ❖ No outro extremo: pais permissivos, omissos, que em nada interferem na vida dos seus filhos, deixam que seus filhos "quebrem a cara" para aprender sobre a vida... são bem sucedidos?
- ❖ Onde estará o ponto de equilíbrio? Limites? Aconselhamento? Aceitar correr riscos?

Um exemplo de política social pragmática

Bolsa-Família

Patrus Anannias*

Contesto as acusações de que o Bolsa-Família tenha um caráter eleitoreiro.

Nossos esforços direcionados para consolidar no Brasil uma rede integrada de proteção e promoção social estão referenciados na Constituição da República e nas leis sociais que lhe deram desdobramento, inclusive a lei que instituiu o Bolsa-Família.

Não pode ser acusado de eleitoreiro um programa ancorado em texto legal votado e aprovado pelo Congresso Nacional. Estamos agindo conforme a lei, superando no país a fase da "lei para inglês ver", sobretudo aquelas que visavam assegurar os direitos dos pobres.

Na mesma linha, procedemos à implantação do Sistema Único de Assistência Social (Suas), que integra o Bolsa-Família. As políticas sociais saem do campo do clientelismo para o campo das políticas públicas normatizadas, com critérios, transparência e prestação de contas. O Suas e sua Norma Operacional Básica (NOB) foram construídos num processo republicano e democrático com todos os governos estaduais e municipais e os conselhos de assistência social.

O Bolsa-Família, além de sua base legal e dentro das diretrizes do Suas, vem-se consolidando rapidamente em todo o país dentro dos mesmos princípios éticos e de respeito ao pacto federativo.

O programa está presente em todos os estados e municípios, sem qualquer discriminação político-partidária, somando esforços e recursos com os governos estaduais e municipais que também desenvolvem programas de renda familiar básica.

Agora mesmo, estamos atualizando os cadastros numa ação conjunta com os demais entes federados e repassando recursos para todos os municípios sem qualquer discriminação.

No contexto dessa pactuação pública e universal, estamos construindo os comitês de controle social do Bolsa-Família para acompanhar a fiscalizar a execução do programa. Como já formalizamos a rede de fiscalização pública que integra os ministérios públicos federal e estaduais, teremos também a participação da sociedade civil.

Todos os que nos debruçamos sobre a história dos

"O programa está presente em todos os estados e municípios, sem qualquer discriminação político-partidária, somando esforços e recursos com os governos estaduais e municipais que também desenvolvem programas de renda familiar básica".



procedimentos eleitorais no Brasil sabemos que uma das formas constantes de corrupção são as práticas perversas de compra de votos.

Pessoas, famílias, comunidades inteiras que não receberam no passado a atenção e os cuidados devidos pelos poderes públicos usam as eleições para receber de candidatos inescrupulosos um pouco daquilo que o Estado não lhes assegurou na forma de direitos e políticas públicas.

Aqueles que não foram acolhidos pelo Estado e pela sociedade, muitas vezes, trocam o seu voto por uma cesta básica ou qualquer outro benefício material ou financeiro.

Não podemos condená-los, considerando o estado de necessidade; podemos e devemos condenar os que utilizam a miséria para comprar mandatos.

Os programas sociais implantados pelo governo federal, em escala jamais vista na história pátria, agrupados e articulados pelo Bolsa-Família, estão assegurando às famílias pobres do país, entre outros direitos, o direito humano à alimentação. As pessoas não precisarão trocar o seu voto por um prato de comida. Além do direito à alimentação, estamos retirando milhões de pessoas da pobreza absoluta em 2004,

segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílios (Pnad), foram aproximadamente 3 milhões de pessoas, garantindo-lhes o direito de cidadania.

Estamos chegando aos grotões, à periferia das cidades maiores com o Bolsa-Família, mas também com o Programa Nacional da Agricultura Familiar (Pronaf), a compra direta de pequenos agricultores gerando trabalho e renda no campo, os consórcios de segurança alimentar e desenvolvimento local (Consads), o microcrédito, as Casas das Famílias, os programas de apoio ao cooperativismo, a economia solidária, a inclusão produtiva.

COMO NASCE UM PARADIGMA

Um grupo de cientistas colocou cinco macacos numa jaula, em cujo centro puseram uma escada e, sobre ela, um cacho de bananas. Quando um macaco subia a escada para apanhar as bananas, os cientistas lançavam um jato de água fria nos que estavam no chão. Depois de certo tempo, quando um macaco ia subir a escada, os outros enchiam-no de pancada. Passado mais algum tempo, mais nenhum macaco subia a escada, apesar da tentação das bananas. Então, os cientistas substituíram um dos cinco macacos. A primeira coisa que ele fez foi subir a escada, dela sendo rapidamente retirado pelos outros, que lhe bateram. Depois de algumas surras, o novo integrante do grupo não subia mais a escada. Um segundo foi substituído, e o mesmo ocorreu, tendo primeiro substituto participado, com entusiasmo, na surra ao novato. Um terceiro foi trocado, e repetiu-se o fato. Um quarto e, finalmente, o último dos veteranos foi substituído.

Os cientistas ficaram, então, com um grupo de cinco macacos que, mesmo nunca tendo tomado um banho frio, continuavam a bater naquele que tentasse chegar às bananas.

Se fosse possível perguntar a algum deles por que batiam em quem tentasse subir a escada, com certeza a resposta seria:

"Não sei, as coisas sempre foram assim por aqui..."

Conclusão: É mais fácil desintegrar um átomo do que um preconceito

Dentro da melhor tradição cristã, nos ensina Alceu Amoroso Lima, em **O problema do trabalho**: "Na prática das sociedades burguesas modernas, em que ainda em grande parte vivemos, acusa-se o Estado de estar entrando por um terreno que não lhe compete, quando procura realizar pela legislação ou pela assistência os seus deveres de distribuição de justiça".

A prática das virtudes cívicas e republicanas, inclusive o voto consciente, pressupõe o atendimento das necessidades materiais básicas. É o que estamos fazendo.

**Ministro do Desenvolvimento Social e Combate à Fome*

Filho que cresce tem direito a colo?

Valdi Craveiro Bezerra* e Ana Carolina Bessa Linhares**

Se crescer, perde o colo. Com muita frequência, na entrada da puberdade, os filhos perdem o colo, os abraços, o contato físico com os pais. É um processo de afastamento dos dois lados.

As mudanças físicas como as curvas, seios, cheiros, músculos, deixam os pais um pouco sem jeito no contato físico com os filhos, até então quase que assexuados, ou considerados como tais, e de uma hora para outra 'sem percebermos', temos uma mulher ou um homem, 'sexuados' em casa. A evitação do contato é quase certa. Para superar essa barreira 'sexuada', o que não é fácil, os pais continuam abraçando os filhos como se ainda fossem suas criancinhas, e os infantilizam durante o abraço com expressões do tipo: "meu bebê", "meu filhinho", e outras expressões, no intuito às vezes de serem mais afetivos, e menos "físico-sexuados".

Crescer não significa afastar-se dos pais

Por outro lado, o filho que está adolecendo, quer ser confirmado como adulto e muitas vezes confunde

o crescimento e a autonomia com o afastamento físico e emocional dos pais. Nossa cultura popular, ajudada pelas teorias psicológicas, principalmente de influência psicanalítica, tem criado no imaginário da população que o adolescente, para crescer, tem de afastar-se dos pais. Dessa forma, a autonomia está associada a rompimento

Nós, contudo, pensamos que o crescimento está profundamente associado à capacidade e maturidade para estabelecer e manter os vínculos afetivos. Essa aprendizagem se faz fundamentalmente dentro do espaço familiar.

A experiência humana de identidade tem dois elementos: um sentido de "pertencer" e um sentido de "ser separado". É na matriz familiar que estes dois elementos se misturam. Esses processos de "pertencer" e "separar-se" ocorrem simultaneamente, pois quanto mais eu sou autônomo, mais eu posso pertencer a uma família sem ter receio de perder minha identidade. Portanto, é fundamental entender que pais e filhos precisam dar

continuidade é expressão da amorosidade no período da adolescência, fortalecendo o vínculo amoroso que deve vigorar durante toda nossa existência.

E se meu filho me rejeitar?

Outro fator que dificulta esse abraço é o medo dos pais de não serem correspondidos e de se sentirem rejeitados. É importante os pais perceberem que abraçarão os filhos, não só por eles filhos, mas também por eles pais, pois estão construindo um canal de comunicação de amorosidade com o filho, para por meio deste canal trabalharem outros valores com ele.

Para livrar-se do medo da rejeição, um bom treino é abraçar uma bonita árvore, sentindo toda a emoção dessa interação com a natureza. A árvore nada faz e a pessoa não se sente rejeitada por isso. Se o filho recusa o abraço, não importa, a missão do pai(mãe) é consegui-lo, mesmo quando este estiver dormindo. O processo é mais importante que os resultados imediatos.

E se eu não tiver vontade de abraçar?

Na coleção das dificuldades em abraçar o filho, uma outra questão levantada pelos pais é que somente devem abraçar o filho quando sentirem vontade. Eles alegam que o abraço deve ser espontâneo. A questão é que não podemos

esquecer que o abraço pode ser usado como um veículo para criar um canal de comunicação. Ele não está sendo apenas uma expressão afetiva, mas tem uma intenção, um objetivo certo:

Criar um canal de amorosidade com o filho (particularmente filhos que rejeitam o carinho dos pais ou têm desvios de comportamento, como o uso de drogas).

Quando orientamos os pais a abraçar os filhos no mínimo três vezes ao dia, (como uso de antibiótico) orientamos que não esqueçam da intenção, e no momento do abraço mentalizem: "Estou criando um canal de comunicação de amorosidade com você". Esta mentalização é importante, porque lembra constantemente aos pais seu objetivo e impede que esse abraço se reduza a uma manifestação afetiva que pode trazer sentimentos positivos, mas também pode despertar todas as mágoas que comprometem a estratégia. O abraço, se não for espontâneo, pode ser pelo menos estratégico.

A maneira mais prática de promover a criação de um canal de amorosidade, é provocando uma aproximação pelo abraço e pela declaração de amor ao filho.

*Clínico de Adolescentes e Terapeuta de Família.

** Psicóloga, Psicoterapeuta de Adolescentes, Terapeuta de Família.

O aprendizado da convivência

Marcelo Barros*

Cerca de 120 milhões de pessoas no mundo vivem fora de seu país para sobreviver ao desemprego, à concentração de terra e à tragédia das guerras e suas consequências. O drama dos migrantes nos interpela a refazer as bases da convivência social, a partir da solidariedade e abertura ecumênica que nos tornam mais capazes de nos realizar como seres humanos.

A sociedade excludente e concentradora provoca um aumento nas migrações. Nos países ricos do norte, falam em "nova invasão dos bárbaros". A Assembléia Geral da ONU em 18/12/1990 estabeleceu normas de tratamento igualitário entre trabalhadores nacionais e estrangeiros. Atribuiu direitos fundamentais a todos os trabalhadores migrantes, legais ou

ilegais. Apesar disso, o governo dos Estados Unidos construiu um novo "muro da vergonha", fazendo da sua fronteira com o México um corredor da morte para os que se arriscam a atravessá-lo buscando o mínimo de condições de vida para sobreviver. Governos da Europa fazem leis restritivas contra migrantes do sul do mundo, denominados de "extra-comunitários". Este sistema excludente acaba favorecendo o tráfico de seres humanos. Máfias subjugam e escravizam milhares de pessoas, atraídas por promessas enganosas. Crianças são utilizadas para o comércio de órgãos e as maiores para o trabalho escravo. Trabalhadores são explorados através de contratos injustos, do confisco de documentos pessoais e da cobrança de dívidas impagáveis.

Uma dificuldade para combater esta injustiça é o pluralismo cultural e os preconceitos que ainda opõem as religiões. O migrante deixa sua terra, mas leva consigo sua cultura e valores religiosos. Para garantir sua identidade, em uma sociedade diferente e hostil, muitas vezes, reforça os aspectos mais rígidos da religião e cultura. Ou, despojados de

suas referências de origem, tornam-se facilmente vítimas de grupos religiosos oportunistas ou extremistas. São levados a isso pelo isolamento a que são relegados e pela falta de abertura ecumênica da cultura dominante que, assim, tem mais um pretexto para os rejeitar: a intolerância religiosa. Isso acontece na Europa e Estados Unidos com relação ao Islã e alguns grupos orientais. Em países como o Brasil, os migrantes são mais tentados por Igrejas neo-pentecostais.

A migração é um fenômeno ecumênico porque envolve pessoas das mais diversas religiões e leva cada cultura a conhecer e conviver com a outra. O escritor Mário Vargas Llosa declarou: "A imigração de qualquer cor e sabor é uma injeção de vida, energia e cultura e os países deveriam recebê-la como uma bênção" (Folha de S. Paulo, 1/9/96). Ao mesmo tempo, o mundo dos migrantes, quando não acolhido e acompanhado, torna-se motivo de intolerância e fechamento.

No Brasil, 81% da população vive nas cidades. A maioria, composta por migrantes de primeira, segunda e terceira geração, vindos do campo. A pobreza endêmica e a seca do nordeste continuam expulsando uma grande leva de nordestinos para o sul. Sulistas se aventuram pelas novas fronteiras agrícolas do Oeste. Entre o Brasil e o Paraguai, as condições de vida dos chamados brasiguaios nos

fazem sentir nas senzalas do século XIX. Em São Paulo, migrantes bolivianos

Um dos serviços mais proféticos da Igreja Católica no Brasil é a Pastoral dos Migrantes, espalhada por todas as regiões do país. Muitos dedicam suas vidas ao estudo do fenômeno das migrações, à acolhida e acompanhamento dos migrantes e a formar na sociedade uma consciência nova com relação a este problema.

Estão em muitos países do mundo, insistindo para que se apresse o dia em que todas as nações tenham portas abertas a qualquer ser humano por ser irmão em humanidade e não por ser branco ou negro, europeu, americano ou asiático. Já no final do século XIX, João Batista Scalabrini, bispo profeta, escrevia: "A migração alarga o conceito de pátria para além das fronteiras geográficas e políticas, fazendo do mundo a pátria de todos".

Esta convicção leva a CNBB a celebrar todos os anos, em junho, a Semana do Migrante. O tema do

ano passado desafiava: "Escolhe o caminho da vida" (Dt 30, 19), dito ao coração de cada pessoa humana, de qualquer religião e cultura. Pode levá-la a unir-se aos que migram para viver melhor e fazer todos se sentirem cidadãos da mesma pátria comum: a terra.

Contam que Darcy Ribeiro atravessava a fronteira entre dois países. Um policial lhe perguntou: "Qual a sua nacionalidade?" Darcy abriu os braços e respondeu: "Humana".

*Monge beneditino e escritor, tem 24 livros publicados. Entre eles, o romance: "A Festa do Pastor" (Editora Rede. Fax: 062- 372 1985. Email: edrede@cultura.com.br)

O Imperador e os Sábios

Certa vez um imperador sonhou que havia perdido todos os dentes. Ele acordou assustado e mandou chamar um sábio para que interpretasse o sonho.

- Que desgraça, senhor! - exclamou o sábio.

- Cada dente caído representa a perda de um parente de Vossa Majestade...

- Mas que estupidez! - gritou o imperador. - Como se atreve a dizer tal coisa?

E chamou os guardas e mandou que o expulsassem.

Ordenou que chamassem outro sábio para interpretar o mesmo sonho.

O outro sábio, sabendo o que aconteceu, disse ao imperador:

- Senhor, uma grande felicidade vos está reservada! O sonho indica que ireis viver mais que todos os vossos parentes.

A fisionomia do imperador se iluminou e mandou dar cem moedas de ouro para o sábio.

Quando este saía do palácio, um súdito perguntou:

- Como é possível? A interpretação que você fez foi a mesma do seu colega. No entanto ele foi expulso e você recebeu moedas de ouro!

- Tudo depende da maneira de dizer as coisas - respondeu o sábio...

Esse é o grande desafio da humanidade. É daí que vem a felicidade ou a desgraça; a paz ou a guerra. A verdade deve sempre ser dita, não resta a menor dúvida, mas a forma como deve ser dita... é que faz a diferença.

Na maioria das sociedades humanas o dinheiro esteve associado ao poder, mesmo antes do capitalismo.

Durante muito tempo, nas sociedades patriarcais - e machistas - o dinheiro e o poder estiveram restritos às mãos masculinas. Com a liberação feminina, após séculos de opressão, a mulher tem cada vez mais participação na renda familiar e, conseqüentemente, na aquisição do patrimônio do casal. Começam, então, as disputas pelo poder entre o casal.

Existem muitos pudores ao se falar sobre dinheiro. Cada pessoa tem seu próprio sistema de valores e nele se reflete a forma de lidar com o dinheiro. Assim, o que para um é gastar o suficiente, para o outro pode ser tachado de desperdício e, para um terceiro, de pãodurismo!

Como o consumo é ditado muito mais pelos desejos emocionais que pelas necessidades materiais, a aquisição de um objeto qualquer se relaciona muito mais à representação psíquica do objeto no mundo de nossos desejos do que seu valor intrínseco ou sua utilidade.

Para complicar ainda mais, crescemos ouvindo que "problema

Dinheiro & Relacionamentos

Priscila de Faria Gaspar*

de dinheiro não se comenta na frente dos outros", "isso é assunto da família", "é indelicado perguntar sobre valores". Assim como existem casais que não conversam abertamente sobre sexo, existem aqueles para quem o dinheiro é um assunto proibido. O tema "dinheiro" pode ser um tabu muito mais forte que o do sexo, embora nos dois casos, o assunto seja tratado em revistas, jornais e programas de TV.

Para muitos, o valor da pessoa se mede pelo dinheiro

Assim, falar abertamente sobre dinheiro significa falar de seu próprio valor. As pessoas, em geral, falseiam muito as informações sobre dinheiro.

Existem basicamente dois estilos: aquelas a quem nada falta (se disserem que lhes falta dinheiro, estarão expondo fraqueza e dificuldades) e aquelas para as quais sempre falta (colocam-se na posição de vítimas, também em outras circunstâncias da vida). O interessante é que essa postura independe da renda "real", refletindo uma posição do sujeito com relação ao que ele valoriza e,

principalmente, à forma como valoriza a si mesmo.

Investir no casamento não é como investir no mercado financeiro

Num relacionamento afetivo, depositamos no "outro" nosso afeto, esperanças e sonhos. Investimos atenção, carinho e tempo. Tal qual o investidor do mercado financeiro, desejamos garantias sobre o depósito de preferência acrescido de lucros e com chance de resgate a qualquer momento. Mas nem sempre isso é possível: muitas vezes os riscos são altos.

Dificuldades maiores ocorrem quando há incompatibilidade de moeda: *dinheiro X amor*. Um dos parceiros investe mais emocionalmente na relação, enquanto que o outro investe mais financeiramente. Muitas vezes, para o homem, pagar contas é sinal de amor - sinal que passa despercebido para a mulher cujo investimento foi feito na moeda do afeto. Como boa parte dos homens ainda tem dificuldades em expressar seus sentimentos, pagar pode ser uma forma de demonstrar esse amor. Por sua vez, poucas são as mulheres que aceitam um parceiro em condições financeiras abaixo da própria, o que demonstra o quanto ainda estão presas às tradições do "macho provedor".

"Se você não paga, então não tem direito de reclamar"

A dependência financeira pode levar a sentimentos inconscientes de ódio, pois tudo o que nos

prende, mesmo que com amor, tolhe a liberdade e passa a representar o que cerceia. Essas relações de *amor/ódio* podem levar a intensos sentimentos de culpa, se não forem elaboradas adequadamente. Ser sustentado pode significar estar subjugado ao outro. Outras vezes há um abuso do poder por parte do pagador, que pode tornar-se um verdadeiro tirano na família: "*Quem manda aqui sou eu, porque eu é que ponho dinheiro nesta casa*".

Concentrar o poder monetário no homem gera modelo mais estável?

Diante disso, somos levados a pensar que a opressão das mulheres e a concentração do poder monetário entre os homens geravam um modelo mais estável. Com papéis bem definidos, não havia espaço para tantos conflitos. Porém, a transformação social trouxe ganhos imensos para homens e mulheres: poder compartilhar sonhos e desejos; crescer juntos, criar um sistema de valores próprios a partir da fusão do que cada um trouxe da família de origem.

Dividir o poder não é tarefa fácil, mas as relações onde ambos estão engajados na manutenção do casamento e os dois são responsáveis pelo patrimônio, tendem a ser mais equilibradas e a sofrer menos com os reveses da vida.

No momento atual, o que os casais podem fazer com relação ao

dinheiro é exatamente o mesmo que se prega com relação ao sexo: conversar abertamente, sem tabus, respeitando a individualidade do outro.

**Psicanalista e Mestre em Ciências biológicas (publicado em WMulher e resumido por Deonira La Rosa)*

- ❖ Como essa questão do dinheiro é geralmente administrada nas famílias que conhecemos? Há conflitos ou desencontros?
- ❖ É comum a administração conjunta do orçamento doméstico? Funciona?
- ❖ A falha nessa parceria pode causar danos à relação do casal? à relação com os filhos?

Ser criativo e ousar quando parece não haver saída

Na Idade Média, um homem foi injustamente acusado de ter assassinado uma mulher. Na verdade, o autor era pessoa influente e, por isso, desde o primeiro momento procurou-se um "bode expiatório" para acobertar o verdadeiro assassino.

O homem foi levado a julgamento e o resultado seria a forca. Ele sabia que tudo iria ser feito para condená-lo e que teria poucas chances de sair vivo desta história.

O juiz, que também estava combinado para levar o pobre homem à morte, simulou um julgamento justo, fazendo uma proposta ao acusado que provasse sua inocência.

Disse o juiz:

"Sou um homem religioso e, por isso, vou deixar sua sorte nas mãos do Senhor. Vou escrever em um pedaço de papel a palavra **inocente** e noutro pedaço a palavra **culpado**. Você mesmo sorteará um dos papéis e aquele que sair será o veredicto. O Senhor decidirá seu destino".

Sem que o acusado percebesse, o juiz separou os dois pequenos pedaços de papel, mas em ambos escreveu **culpado** de maneira que, naquele instante, não existia nenhuma chance de o acusado se livrar da forca.

O juiz colocou os dois papéis em uma mesa e mandou o acusado escolher um. O homem pensou alguns segundos e pressentindo a vibração, aproximou-se confiante da mesa, pegou um dos papéis e rapidamente colocou-o na boca e o engoliu.

O juiz reagiu surpreso e indignado com a atitude do homem.

"Mas o que você fez? E agora? Como vamos saber qual seu veredicto?"

É fácil, respondeu o homem. Basta ler o outro papel para saber o que escolhi e acabei engolindo".

O homem foi declarado inocente e imediatamente libertado.

Projetos de transformação social

...sua família participa?

Waldemar Rossi

Bispos brasileiros, profundamente marcados pelas "exigências éticas e evangélicas para erradicação da miséria e da fome", têm apelado para que o governo dê sinais concretos de que as mudanças - a favor do povo - virão muito em breve. Cumprindo sua parte, os Bispos *promovem as Pastorais Sociais*.

As Igrejas têm várias pastorais. Algumas se destinam mais à própria comunidade religiosa. São mais internas como, por exemplo, as Pastorais da Liturgia, Catequese, Batismo, Eucaristia..., ou movimentos que estimulam uma vida de orações ou de assistência. Mas, as igrejas têm também as suas *Pastorais Sociais*, cuja preocupação é buscar o conhecimento dos problemas e

revelar os valores e contra-valores evangélicos ali presentes que afetam a vida do povo. Buscam *entender e agir* sobre as *causas estruturais* dos problemas, revelando-as às comunidades e estimulando o engajamento dos cristãos na busca de soluções que venham alterar a qualidade da vida do povo, principalmente dos mais carentes.

Para melhor entender a questão, é oportuno relembrar as palavras do papa João Paulo II, em sua encíclica "Sobre o trabalho Humano": "*O Trabalho é uma chave, provavelmente a chave essencial do problema social*". Assim, podemos ousar afirmando que a *Pastoral Operária* (ou Pastoral do Mundo do Trabalho) e a *Pastoral da Terra* são fundamentais na vida das igrejas que desejam viver intensamente a Boa Nova.

No entanto, essas duas pastorais chaves não bastam para atacar todas as faces do grave problema social que afunda a Nação brasileira. Temos necessidade de estimular as *pastorais da Fé e Política, da Saúde, da Educação, dos Menores, dos Encarcerados, dos Moradores de Rua, dos Idosos, da Mulher Marginalizada, dos Negros, das Prostitutas, da Moradia, da Juventude* (consciente e

atuante), enfim, urge estimular os cristãos a que encarnem a luta pela justiça, cada um no campo onde melhor possa se sentir útil. Pois "...se alguém diz que tem fé, mas não tem obras, que adianta isso? ... A fé sem obras é completamente morta." (Tiago 2, 14-17)

O profeta Amós advertia os poderosos de seu tempo: "*Eu detesto as reuniões de vocês. Ainda que vocês me ofereçam sacrifícios, suas ofertas não me agradarão, nem olharei para suas oferendas gordas. Longe de mim o barulho de seus cânticos, nem quero ouvir a música de suas liras.*"

- ❖ **Quais nos parecem ser os principais problemas sociais na nossa cidade? E no nosso país?**
- ❖ **Pessoalmente participamos de organizações, movimentos ou programas sociais?**
- ❖ **Atuamos nas pastorais sociais da Igreja?**
O que mais se pode fazer para solucionar tais problemas? Como pessoa, família, grupo, entidade, movimento?

Historinhas edificantes

Em tempos bem antigos, um rei mandou colocar uma pedra enorme no meio de uma estrada.

Alguns mercadores ricos passaram por ali e simplesmente deram a volta pela pedra. Alguns esbravejaram contra o rei dizendo que ele não mantinha as estradas limpas mas nenhum deles tentou sequer mover a pedra dali. Então passou um camponês com uma boa carga de verduras.

Ao se aproximar da imensa rocha, ele pôs de lado a sua carga e tentou remover a rocha. Ela estava prejudicando o povo. Após muita força e suor, ele finalmente conseguiu mover a pedra para o lado da estrada.

Voltou a pegar a sua carga mas notou que havia uma bolsa no local onde estava a pedra. A bolsa continha muitas moedas de ouro e uma nota escrita pelo rei que dizia que o ouro era para a pessoa que tivesse removido a pedra do caminho.

Moral da história: (deve haver... ou invente uma)

Eu quero, isto sim, é ver brotar o direito com a água e correr a justiça como o riacho que não seca" (Amós 5, 21-24)

As Pastorais Sociais são hoje ainda mais oportunas que antes. O agravamento dos problemas exige cristãos conscientes, comprometidos e atuantes, para que esse país seja mudado.

Por um outro mundo mais justo e sustentável

Jung Mo Sung*

1. Um outro sistema econômico é possível e necessário.

A princípio, sempre podemos e devemos afirmar que um outro mundo e um outro sistema econômico são possíveis. Podemos afirmar, pois isso é um fato histórico e social na medida em que todas as formas de sociedades e economias, como todas as instituições humanas, são situadas historicamente e têm início e fim. Além de ser uma constatação factual, devemos sempre anunciar que um outro mundo é possível, pois esquecer isso significa absolutizar o sistema vigente. E sistemas sociais que são tratados ou se afirmam como absolutos - dizendo que não há alternativa a elas - convertem-se em ídolos e exigem sempre sacrifícios de vidas humanas.

O dever de anunciar e lutar por um outro mundo não nasce somente dessa posição filosófica ou teológica de negar o caráter absoluto do mundo atual, mas principalmente das graves crises sociais (miséria, desemprego estrutural, exclusão social, violência, etc) e da crise ambiental geradas pelo atual modelo de globalização econômica. O atual sistema econômico-social é injusto e insustentável.

É insustentável porque o crescimento econômico do atual modelo de

globalização necessita que o padrão de consumo dos países ricos seja introduzido cada vez mais por todo o mundo, homogeneizando o estilo de vida e desejos de consumo. É essa homogeneização do padrão de consumo e das relações sociais que permite a produção em escala global e o mercado consumidor global, sem os quais as grandes corporações transnacionais perderiam a sua vantagem competitiva. Essa expansão se legitima sob o mito do progresso econômico que diz que não há limites para o crescimento econômico, que esse crescimento pode e deve ser imitado por todo o mundo e que há uma harmonia entre o progresso técnico, crescimento econômico e o desenvolvimento da humanidade. Em outras palavras, quanto mais crescimento econômico e mais consumo, mais desenvolvimento humano e realização do ser humano.

Esse mito central e fundante do mundo moderno não está presente somente nos livros ou nos discursos ideológicos, mas também no cotidiano das pessoas integradas nessa economia e nessa cultura. Tomemos como exemplo o depoimento de uma ex-diretora da Coca-Cola no Brasil, Marilene Pereira Lopes, de 51 anos: "Na noite de 17 de maio de 2001 dormi pensando na agenda pesada que teria de enfrentar no dia seguinte. Quando acordei não estava sentindo meu braço. (...) Durante a madrugada tinha sofrido um

acidente vascular no lado esquerdo do cérebro. (...) As pessoas acreditam que, se as coisas vão bem no trabalho, se a vida profissional está em ascensão, todo o resto ficará bem. Foi preciso passar por um drama para perceber que isso não é verdade. Aos poucos voltei a falar, ainda que com dificuldade. Resolvi pedir demissão e fazer uma revisão da minha vida."

Não somente o corpo humano tem limites, como a própria natureza possui limites que não possibilitam a universalização do padrão de consumo da elite dos países ricos. Na verdade, essa obsessão por mais crescimento econômico e mais consumo é um das causas principais da crise ambiental. Além disso, as elites e os setores médios dos países pobres só conseguem realizar o seu desejo de imitar o padrão de consumo das elites dos países ricos na medida em que aumentam a taxa de exploração sobre os mais pobres e diminuem gastos nas áreas sociais, gerando uma divisão no interior do país entre os incluídos nesse novo mercado global e os excluídos. Na medida em que a pressão da economia capitalista global e os desejos de imitação do padrão de consumo empurram os processos econômicos e sociais nessa direção da homogeneização do padrão de consumo e a busca frenética de mais consumo, as crises sociais e ambientais se agravam.

É claro que, diante dessa crise, surgem muitos ideólogos do capitalismo anunciando que o progresso contínuo da ciência e da tecnologia será capaz de superar os limites da natureza e que o mercado livre será capaz de superar essas crises sociais. Eles anunciam uma fé cega na ciência, na tecnologia e no mercado para tentar esconder ou desviar a atenção dos sofrimentos de bilhões de

pessoas e da destruição do nosso meio ambiente. As mortes de espécies inteiras e de milhões de pessoas seriam os sacrifícios necessários para o crescimento econômico que possibilitaria a realização do desejo de consumo ilimitado.

Em resumo, o atual sistema econômico capitalista não é somente injusto mas é também econômica, social e ambientalmente insustentável. Diante dessa situação, cabe à teologia e aos grupos religiosos contribuírem a partir da sua especificidade da teologia e da religião. Isto é, podemos e devemos contribuir criticando a absolutização do mercado capitalista, a idolatria do mercado, e o mito do progresso que exigem e justificam sacrifícios de vidas humanas e do meio ambiente; além de criticar esse desejo obsessivo de consumo que nasce da ilusão de que é a imitação dos padrões de consumo da elite que nos torna melhores seres humanos.

2. A utopia e o mundo possível.

O dever ético e profético de denunciar as injustiças e opressões e anunciar um outro mundo nasce também do nosso desejo de vivermos em um mundo mais justo e melhor para todos/as. Entretanto, devemos ter claro que nem todos os mundos que desejamos são possíveis. Isto é, um outro mundo desejado não significa que será possível só pelo fato de que o desejamos, pois nós seres humanos somos capazes de desejarmos coisas que estão além das nossas possibilidades. Entretanto, utopias - essas imaginações de um mundo "perfeito", mas impossível - são necessárias para que possamos ter um horizonte de sentido que nos permite

criticar o mundo atual e nos possibilita também fazer projetos alternativos de sociedade.

Por mais que desejemos que o nosso desejo utópico se realize, precisamos ter o realismo histórico para percebermos os limites da condição humana e da natureza e lutarmos por projetos históricos factíveis. Quem luta por realizar desejos impossíveis comete erros que não lhe permitem construir um projeto alternativo possível. Esse reconhecimento dos limites da história e da condição humana não é algo fácil para nós, pois implica em desistirmos dos nossos sonhos mais belos de um mundo liberto de toda injustiça e opressão, um mundo sem vítimas. A existência de vítimas é o ponto de partida de todo profetismo e o critério para criticarmos todas as normas e sistemas sociais, mas - como diz E. Dussel - , "a vítima é inevitável. Sua inevitabilidade deriva do fato de que é impossível empiricamente que uma norma, ato, instituição ou sistema de eticidade sejam perfeitos em sua vigência e conseqüências. É empiricamente impossível um sistema perfeito". Essa impossibilidade se deriva do fato de que não podemos conhecer perfeita e plenamente todos os fatores que compõem a natureza e a vida social, nem possuímos velocidade infinita para gerir de modo perfeito esse sistema. Porque a vítima é inevitável, a ação profética é e sempre será necessária.

Alguns cristãos poderiam recorrer à narrativa do Êxodo para fundamentar a sua esperança na libertação dos pobres e de todos os oprimidos no interior da história. Porém, não podemos nos esquecer que o Êxodo não significou o fim das vítimas na história de Israel, e que a fé na Ressurreição de Jesus



o messias derrotado e morto na cruz, levou as primeiras comunidades cristãs a tomarem a consciência de que o Reino de Deus não se realiza plenamente na história, que ele só nos aparece por meio de sinais antecipatórios.

3. Sustentabilidade econômica, social e ambiental

Para que um outro mundo desejado seja possível, é necessário que esta nova sociedade seja econômica, social e ambientalmente sustentável. O seu sistema econômico deve ser capaz de produzir acima do limite mínimo das necessidades básicas de toda população e de repor os meios de produção que vão se desgastando, além de investimentos

necessários para acolher as novas gerações. Um sistema econômico que seja prazeroso, justo e livre, mas incapaz de satisfazer essas condições mínimas não sobreviverá por muito tempo. Além disso, é preciso que os diversos processos de produção se articulem entre si e formem um sistema. Em outras palavras, é preciso que haja um sistema de coordenação da divisão social do trabalho que seja eficiente na articulação dos inúmeros fatores e processos que a constituem. Por ex., a articulação da produção dos insumos necessários e os recursos naturais e tecnologia existentes, sistema de produção das unidades produtivas (empresas privadas, comunitárias ou estatais, cooperativas, etc.) e necessidades e desejos das pessoas. Um sistema que responda, com eficiência e justiça social, à pergunta: o quê, quanto, como e para quem produzir? No atual modelo de capitalismo, o mercado é o principal e quase único coordenador (que se mostra injusto e insustentável); enquanto no modelo de socialismo soviético era o planejamento centralizado, que se mostrou ineficiente. Nós não sabemos ainda como deve ser concretamente o novo tipo de coordenação da divisão social do trabalho, mas provavelmente deverá ser uma articulação entre o mercado, a regulação governamental (planejamentos visando metas econômicas e sociais) e ações da sociedade civil (por exemplo, as lutas dos ambientalistas, das ONGs, pelos direitos dos consumidores).

Uma sociedade só se reproduz satisfatoriamente na medida em que as suas relações e instituições sociais também sejam sustentáveis. Isto é, a forma como se organiza precisa manter o

tecido social intacto. Para isso, a produção, a distribuição e o consumo dos bens econômicos devem atender adequadamente as necessidades e desejos da população, ou pelo menos uma grande parte dela. É preciso também que haja uma convergência cultural e uma espiritualidade que transforme uma multidão de indivíduos em uma sociedade, onde cada indivíduo se sinta participante ou membro dela. Além disso, uma sociedade relativamente estável não é possível sem a existência de símbolos, ritos e mitos que atraiam e façam convergir os desejos erráticos dos indivíduos. No capitalismo atual, o principal agente de convergência desses desejos é o mercado - especialmente através das propagandas e dos meios de comunicação social de massa - que reduz ou direciona quase todos os desejos para o desejo de consumo e objetos de desejo à mercadoria.

As sustentabilidades econômica e social estão articuladas entre si e também com a sustentabilidade ambiental. Os seres vivos se mantêm vivos na medida em que interagem com o seu meio ambiente e dele retira os elementos necessários para a sua sobrevivência. Nessa interação o conjunto de seres vivos modifica o ambiente, o que os leva a modificar também a sua forma de interação. Problema ambiental surge quando ocorre um desastre "natural" - como a queda de um grande meteoro - ou quando uma espécie, como a espécie humana, possui capacidade de destruir o ambiente. E destruir o seu ambiente é cometer suicídio. Retirar recursos naturais do ambiente a uma velocidade maior do que a capacidade de regeneração do meio ambiente é comprometer a possibilidade de sobrevivência, especialmente das futuras gerações. E a pressa atual para retirar os recursos da natureza vem, em grande parte, da obsessão por mais consumo.

4. Desenvolvimento sustentável e as necessidades humanas

Na luta pela criação de uma sociedade mais justa e sustentável social e ambientalmente, o tema da satisfação das necessidades básicas dos pobres ocupa um lugar central. Pois nenhuma sociedade pode ser considerada justa e socialmente sustentável se uma parte importante da população não consegue satisfazer as suas necessidades básicas. Entretanto, a definição do que é a necessidade não é algo tão simples. Para analisarmos essa questão, vamos tomar um texto da Comissão Mundial Sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento:

Satisfazer as necessidades e as aspirações humanas é o principal objetivo do desenvolvimento. [...] Para que haja um desenvolvimento sustentável, é preciso que todos tenham atendidas as suas necessidades básicas e lhes sejam proporcionadas oportunidades de concretizar suas aspirações a uma vida melhor.

Padrões de vida que estejam além do mínimo básico só são sustentáveis se os padrões gerais de consumo tiverem por objetivo alcançar o desenvolvimento sustentável a longo prazo. Mesmo assim, muitos de nós vivemos acima dos meios ecológicos do mundo, como demonstra, por exemplo, o uso das energias. As necessidades são determinadas social e culturalmente, e o desenvolvimento sustentável requer a promoção de valores que mantenham os padrões de consumo dentro do limite das possibilidades ecológicas a que todos podem, de modo razoável, aspirar.

Este texto nos apresenta duas noções de necessidade: a) necessidades básicas entendidas como o mínimo básico para a reprodução da vida corporal, tais como consumo de uma quantidade mínima de calorias, moradia, saúde - a noção que é a mais usada nos movimentos sociais e Igrejas que lutam pela satisfação das necessidades de todas as pessoas; b) necessidades determinadas social e culturalmente.

Na primeira noção de necessidade, a de mínimo básico para a reprodução da vida corporal, temos a imagem de um ser humano enfrentando as suas necessidades orgânicas sem levar em consideração as relações sociais e aspectos culturais da sua existência. Na segunda, o ser humano é visto como um ser em relação aos outros de tal maneira que suas próprias necessidades não são mais determinadas somente por seu corpo mas pela cultura e relações sociais nas quais ele vive. Ora, o texto diz, corretamente, que a finalidade do desenvolvimento é, ou deveria ser, a satisfação das necessidades de todas as pessoas e possibilitar oportunidades da realização das aspirações humanas. Nesse caso, o desenvolvimento não pode satisfazer somente as necessidades fisiológicas do ser humano, pois ele é basicamente um ser social e cultural, e é dentro de uma cultura que ele pode expressar e tentar realizar as suas aspirações. Além disso, o problema da sustentabilidade só aparece em referência às necessidades determinadas pela cultura, pois são elas que estão acima da linha do mínimo básico para sobrevivência e podem criar problemas sociais e ambientais. O ser humano é um ser que necessita, além desses bens materiais básicos, ser reconhecido por outras pessoas e pertencer a um grupo social. O desejo de

ser reconhecido como pessoa e de pertencer a um determinado grupo é quase tão necessário para ser humano como a comida e a bebida. É claro que a satisfação das necessidades corporais, como matar a fome e a sede, é a condição *sine qua non* para que uma pessoa possa continuar viva e continuar desejando ser reconhecida e pertencer a uma comunidade. Entretanto, se uma pessoa perde o desejo de viver porque se sente totalmente rejeitada por todos e não pertencendo a nenhum grupo, mesmo que seja a uma comunidade "virtual", ela não necessita mais de comida e de bebida, pois o que agora deseja é morrer.

A relação entre necessidade fisiológica ou orgânica, necessidade determinada culturalmente e desejo é uma relação não-linear e complexa. Isto é, entre elas não há uma relação de hierarquia linear, onde na base estariam as necessidades orgânicas, e após a satisfação delas viriam as necessidades culturalmente determinadas e por fim os desejos pessoais. O ser humano é movido ou atraído pelo desejo, e na busca da realização do desejo deve satisfazer as suas necessidades orgânicas e culturais.

Na nossa cultura de consumo, para que uma pessoa seja reconhecida por um determinado grupo social é necessário que ela tenha um determinado padrão de consumo desejado e exigido pelo grupo. Como dizem os estudiosos da cultura contemporânea, a identidade da pessoa e do grupo está intimamente ligada ao padrão de consumo. "Diga o que consome, e direi quem tu és". Quanto mais alto o padrão de consumo, mais parece possuir o "ser". Razão pela qual muitas pessoas desejam possuir carros de centenas de milhares de dólares ou Comprar um vidro de perfume de US\$

35.000,00. E muitos não-ricos e pobres se sentem menos ser humano porque não satisfazem a necessidade cultural de consumir determinadas mercadorias e marcas famosas. Ricos querem consumir cada vez mais bens que os colocam como "superiores", classes médias e pobres desejam imitar o padrão de consumo da classe acima, e as crises sociais e ambientais se agravam.

Sem valores culturais e espirituais diferentes, sem desejos diferentes que modifiquem as atuais necessidades cultural e socialmente determinadas, não é possível um outro mundo com um desenvolvimento sustentável mais justo e humano.

5. Espiritualidade e a condição humana

Para superarmos a crise do atual mundo e construirmos um outro mundo sustentável e mais justo, é preciso que as pessoas assimilem a noção de sustentabilidade e que ela faça parte do seu cotidiano e da forma como lidam com os seus desejos. A noção de sustentabilidade implica na noção de limite, tanto em termos da condição humana, como do tecido social e do ambiente, e implica também na impossibilidade da construção de uma ordem social onde todas as pessoas viveriam em harmonia perfeita com a natureza e entre si. Isto é, a noção de sustentabilidade implica que só poderemos ter um mundo melhor se abdicarmos do projeto de construir um mundo "perfeito".

Este é um paradoxo espiritual e social muito importante: nós só podemos nos tornar pessoas melhores se admitirmos que nunca nos tornaremos plenamente

santos ou perfeitos. É a aceitação existencial da nossa condição de seres ambíguos que nos torna melhores. Razão pela qual o perdão, a misericórdia e a compaixão são elementos centrais da espiritualidade do Evangelho. Assim também, só podemos construir um mundo melhor e sustentável se assumirmos que não podemos construir nenhum mundo de plenitude, seja ele de consumo ilimitado, de justiça perfeita ou de harmonia perfeita entre seres humanos e a natureza.

Só assim podemos superar o mito central e fundante da modernidade: que o progresso da ciência e do ser humano nos levará a um mundo pleno e perfeito. Esse mito é, no fundo, uma rebelião contra a condição humana. É a expressão do desejo de nós, seres humanos, nos tornarmos construtores de um mundo liberto das ambigüidades da nossa condição humana, até mesmo da própria morte. Os atuais mitos sobre o futuro da engenharia genética, por ex., não são nada mais do que expressões dessa rebelião e do desejo de nos tornarmos seres pós-humanos.

Quando propomos ou desejamos a construção de um mundo sem vítimas ou conflitos, estamos, no fundo, compartilhando as mesmas bases e ilusões desse mito da modernidade. E no interior dessas ilusões não há possibilidade histórica de um outro mundo sustentável e mais justo.

Eu penso que uma verdadeira ruptura com os mitos fundantes da modernidade não se dá só com a revolta frente ao capitalismo. É preciso uma verdadeira "revolução espiritual". O abandono de uma espiritualidade - religiosa ou secular - que busca sair da condição humana para chegar a uma situação supra-humana, de plenitude e segurança absoluta, para uma espiritualidade vivida como um caminho que nos leva a descobrirmos a nossa

Condição humana e a nos reconciliarmos com ela. Essa reconciliação nos permite e ao mesmo tempo se dá na medida em que compartilhamos com outras pessoas e grupos os sofrimentos, medos e inseguranças (compaixão), e também as esperanças, lutas e alegrias (solidariedade). Sem o encontro com as pessoas que sofrem, o encontro que se dá na compaixão e luta solidária, não há o encontro comigo mesmo e com o Espírito que sopra no meio de nós, e sem esses encontros não há reconciliação.

Penso também que as comunidades cristãs e das outras religiões podem e devem contribuir na gestação dessa revolução espiritual. Elas podem porque a espiritualidade é o tema específico das religiões no mundo moderno; e devem porque, se elas não fizerem, outros grupos sociais sozinhos não conseguirão levar adiante essa tarefa fundamental na gestação de um outro mundo. Sem a revolução espiritual não haverá uma verdadeira revolução econômica, pois o capitalismo é, na verdade, um sistema econômico baseado em e movido por profundas crenças espirituais, e o consumismo é uma forma de experiência religiosa do nosso cotidiano.

Um outro mundo mais justo e sustentável só se tornará real se uma parte significativa da sociedade assumir essa espiritualidade e for capaz de levar muitas outras pessoas a desejarem fazer parte da construção desse outro mundo.

Jung Mo Sung nasceu na Coreia do Sul, em 1957, e vive no Brasil desde 1966. Pós-doutorado em Educação e doutor em Ciências da Religião. É professor de pós-graduação em Ciências da Religião na Universidade Metodista e na Universidade Católica, em São Paulo. Faz pesquisa sobre a relação entre religião, economia e educação. Entre os seus livros, Teologia e economia: repensando a teologia da libertação e utopias, 1994; Desejo, mercado e religião, 1998; Competência e sensibilidade solidária: educar para esperança (co-autoria com Hugo Assmann); e Sujeito e sociedades complexas: para repensar os horizontes utópicos, 2002; todos pela Ed. Vozes. E-mail: jungmosung@uol.com.br

Vivemos num mundo em tempo de desencanto das utopias (pós-modernidade). Isto traz influência forte no jeito de se viver a espiritualidade. A tendência é de se viver uma religião invisível: intimista, individualista. Há também uma forte tendência fundamentalista e sectária.

Espiritualidade profética

Alex José Kloppenburg*

Entendemos por "espiritualidade" a vida toda de uma pessoa: seus pensamentos e sentimentos, seu coração e seu corpo, sua oração e seu trabalho, sua família e a sociedade em que vive, suas alegrias e esperanças.

Se esta vida toda é vivida segundo o espírito de Jesus, então é uma espiritualidade cristã. Por isso, falar da espiritualidade cristã é falar do seguimento de Jesus: Ele é o Caminho, a Verdade e a Vida. Somos o povo da caminhada, isto é, o povo de Deus que se esforça em seguir o Caminho que é Jesus. Os Evangelhos usam 79 vezes o verbo *seguir*, dos quais 73 vezes em relação a Jesus.

Não há dicotomia entre coisas materiais e espirituais

A Espiritualidade profética e libertadora leva em conta a pessoa toda, não havendo dicotomia entre espírito e matéria, coisas espirituais e coisas materiais. A consequência disto é uma espiritualidade encarnada, inculturada, onde o ser cristão é assumir o Homem Novo, deixando-se transformar integralmente por Cristo e viver todas as realidades à luz da sua pessoa, segundo seus critérios, valores e sentimentos. O cristão torna-se aberto ao outro. É sensível e solidário diante das injustiças, da dor, do sofrimento, da miséria e da fome.

A pessoa autenticamente espiritual não é aquela que tem experiências espirituais extraordinárias, mas sim aquela que vive profundamente o amor ao próximo e o respeito ao próximo. Ser cristão é viver o amor pelo outro, no diálogo e no respeito, aberto ao futuro (=utopia).

A espiritualidade profética e libertadora é comunitária

É uma espiritualidade missionária, aberta ao mundo, que faz com que nossas comunidades se tornem fermento de uma nova sociedade, ensaio do Reino.

Ser profeta exige três atitudes: anúncio, denúncia e testemunho. Estas três atitudes precisam *estar juntas*. Não basta o anúncio e a denúncia! É necessário o testemunho: gritar Cristo *com a vida*. Uma espiritualidade profética é: encarnada = inculturada; de comunhão = comunitária; da pobreza = evangélica; do serviço, diálogo, anúncio, denúncia e do testemunho.

Devemos ser apaixonados por Jesus, ter uma amizade singular ("não vos chamo servos, mas amigos" - Jo 15,14) e deixar Cristo viver em nós ("já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim" - Gl 2,20).

É preciso alimentar a espiritualidade

Militante que não reza não consegue vivenciar o seu Batismo. Só é *comunidade* um grupo que faz celebração semanal e lê a Palavra de Deus. Sem isto, não somos comunidade cristã e não nos sustentaremos no testemunho profético, evangélico e libertador.

**Presbítero. Assessor de CEBs.*

- ❖ *Essas três atitudes próprias da espiritualidade cristã são entendidas e vivenciadas de fato por todos os seguidores de Jesus?*
- ❖ *Como vivenciamos a nossa espiritualidade no seguimento de Jesus? Em todas as suas dimensões e atitudes?*

"Sei que o meu trabalho é uma gota no oceano, mas sem ele, o oceano seria menor".

Madre Teresa de Calcutá

Audácia prudência temperança

mobilizados que fundam e refundam continuamente a sociedade e a fazem funcionar dentro de padrões éticos.

Leonardo Boff *

O presente momento da política brasileira e a situação atual do mundo estigmatizado por várias crises nos convidam a considerar três virtudes urgentes: a audácia, a prudência e a temperança.

A **audácia** é exigida dos tomadores de decisões face à situação social brasileira que vista a partir das grandes maiorias é desoladora. Muito se tem feito no atual Governo, mas é pouco face à chaga histórica que extenua os pobres. Nunca se fez uma revolução na educação e na saúde, alavancas imprescindíveis para transformações estruturais. Um povo ignorante e doente jamais dará um salto para frente.

Algo semelhante ocorre com a política mundial face à escassez de água potável e ao aquecimento

Uma sociedade é sustentável quando consegue articular a cidadania ativa com boas leis e instituições sólidas. São os cidadãos

global do planeta. Audácia é aquela coragem de tomar decisões e pôr em prática iniciativas que respondem efetivamente aos problemas em questão.

O que vemos, especialmente, no âmbito do G-8, do FMI, do BM e da OMC diante dos problemas referidos são medidas tímidas que mal protelam catástrofes anunciadas. No Brasil a busca da estabilidade macroeconômica inibe a audácia que os problemas sociais exigem. Dever-se-ia ir tão longe na audácia que um passo além seria insensatez. Só assim evitar-se-ia que as crises nacional e mundial se transformassem em drama coletivo de grandes proporções.

A segunda virtude é a **prudência**. Ela equilibra a audácia. A prudência é aquela capacidade de escolher o caminho que melhor soluciona os problemas e mais pessoas favorece.

Por isso a prudência é a arte de congrega mais e mais agentes e de mobilizar mais vontades coletivas para garantir um objetivo bom para o maior número possível de cidadãos.

Como em todas as virtudes, tanto a audácia quanto a prudência podem conhecer excessos. O excesso de audácia é a insensatez. A pessoa vai tão longe que acaba se isolando dos outros ficando sozinha como um Dom Quixote. O excesso da prudência é o imobilismo. A pessoa é tão prudente que acaba morrendo de ajuizada. Engessa procedimentos ou chega tarde demais na compreensão e solução das questões.

Há uma virtude que é o meio-termo entre a audácia e a prudência: a **temperança**. Em condições normais significa a justa medida, o ótimo relativo, o equilíbrio entre o mais e o menos. Ela é a lógica do universo que assegura o equilíbrio entre a desordem originária do *big bang* (caos) e a ordem produzida pela expansão/evolução (cosmos). Mas

- ❖ *Será possível viver essas três virtudes como inseparáveis? Como conciliar audácia, prudência e temperança?*
- ❖ *E transmitir aos filhos esses valores?*

em situações de alto caos social como é o nosso caso, a temperança assume a forma de sabedoria política. A sabedoria implica levar tão longe a audácia até aquele ponto para além do qual não se poderá ir sem provocar uma grande instabilidade. O efeito é uma solução sábia que resolve as questões das pessoas mais injustiçadas, quer dizer, traz-lhe sabor à existência (donde vem sabedoria).

Ninguém expressou melhor esse equilíbrio sutil entre audácia corajosa e prudência sábia que Dom Pedro Casaldáliga ao escrever: "Saber esperar, sabendo ao mesmo tempo forçar as horas daquela urgência que não permite esperar".

* Teólogo

- ❑ "Passamos metade da vida à espera daqueles que amamos e outra metade a deixar os que amamos". (Victor Hugo)
- ❑ "Todo homem nasce original e morre plágio". (Millôr Fernandes)
- ❑ "Quando a gente pensa que sabe todas as respostas, vem a vida e muda as perguntas".

A tv nessa de cada dia

Raymundo de Lima*

Uma recente pesquisa revela que crianças acima de 7 anos preferem assistir novelas e filmes de adultos, mas, curiosamente, não preferem os filmes violentos. Será que surge uma nova geração avessa à cultura da violência imposta primeiramente pelos filmes e a televisão?

Outra pesquisa divulgada pelo Observatório da Imprensa, em 2000, apontou que 53% dos pais não conseguem controlar a TV dos seus filhos; 78% sentem-se constrangidos quando estão acompanhados da criança diante de cenas de insinuação de sexo.

A televisão hoje é o maior lazer para mais de 80% da população brasileira. Ler livros, jornais, revistas, deu apenas 18%, segundo levantamento feito em 21/11/99. A falta de dinheiro e a sensação de insegurança são apontadas como principais motivos para as pessoas ficarem grudadas n'algum aparelho que tem tela (TV, computador, videogames, internet)

Uma pesquisa, publicada bem antes da era Ratinho, considerado o pai da nova comunicação do grotesco, concluía que só em *uma semana* foram disparados **1940 tiros** nas telas de TVs, houve 886 explosões, 651 brigas, 1145 cenas de nudez, 233 trombadas de carro, 188 referências a trejeitos homossexuais e 72 palavrões ou termos chulos. Pesquisa semelhante nos EUA mostrou que um telespectador de 18 anos terá visto 3200 cenas de homicídios e 250.000 atos violentos na TV.

*Pais, professores, autoridades, as próprias crianças e jovens conscientes desse problema, se perguntam: **Que fazer com a televisão nessa de cada dia?***

Basta criarmos um dia ou uma semana de jejum televisivo, seguindo o exemplo dos norte-americanos? Ou temos que discutir e pensar outros caminhos - mais éticos e menos moralistas - para administrarmos nosso costume de assistir TV, jogar os games eletrônicos ou usar o computador-internet? Que linha de pensamento e ação poderíamos adotar, subjetiva ou coletivamente?

A televisão tem ligação com a atual onda de violência social ou não?



Começando pela última colocação, à primeira vista, parece que não. Há um argumento que declara que a violência praticada pelos seres humanos vem muitíssimo antes do cinema, da televisão e dos videogames. Alguns observam que a violência daquela época sem TV era a mesma de hoje.

Jô Soares, que antes de tudo é um homem comprometido com a ideologia da mídia capitalista, não perde a oportunidade de defender essa tese: A televisão deve continuar mostrando tudo, sem limites, visto que essa é a realidade social e porque não se pode esconder as tendências humanas - demasiadamente humanas, diria Nietzsche - também para o mal.

Entretanto, **cresce o número dos que pensam diferente**. Seu contra-argumento declara que *não podemos continuar nos submetendo à cultura da*

Violência que tem na mídia o seu principal agente ideológico. Assim como a humanidade, após a 2ª guerra mundial, soube encontrar o caminho dos Direitos do Homem, também haveremos de fundar uma cultura da paz, começando uma nova ética na programação da mídia e uma nova ética na educação escolar e no lar, que não só desarme os arquétipos guerreiros que

*parecem habitar em todos os povos, mas que faça com que **nos sintamos responsáveis pela atual onda de violência.***

Surge uma nova consciência? A tendência atual é criar uma atitude pela paz.

Crescem os números de comprovações baseadas em critérios científicos, mais ou menos independentes em relação aos interesses ideológicos de mercado, de que o telespectador exposto à violência tende a encarar qualquer brutalidade sem traumas e ele próprio é estimulado a ser mais violento. Em outras palavras, alguém que assistiu repetidas cenas fictícias de estupro *tende a ficar mais insensível diante de outras cenas de estupros*. Trabalhamos com a hipótese de que qualquer sujeito *dessensibilizado* poderá ficar predisposto ao impulso violento, o que os psicanalistas chamam de *passagens aos atos*.

Esse alerta vai contra posicionamentos dos psicólogos dos anos 70 os quais entendiam que vivências de cenas de violência liberavam o "demônio" interno das pessoas. Uma vez "libertada" a coisa má, a pessoa estaria como que "vacinada", caindo assim a probabilidade de ela cometer atos violentos.

Da ficção para a cruel realidade, existe ainda muita gente de conhecimento (mas, não de sabedoria) que acredita que a violência e sexo na TV ou na mídia em geral, são psicoprofiláticos

- ❖ *É sua família que controla o tempo que quer dispor vendo TV e usando a internet? - ou são a TV e a internet que controlam a sua família?*
- ❖ *Percebe-se alguma relação entre a programação da TV e o clima de violência em nossa cidade?*
- ❖ *Valores humanos e familiares são influenciados de alguma forma, positiva ou negativamente, pela programação da TV? Sim ou não? Como assim? Exemplos.*

Cada família do MFC - uma assinatura por ano!

Este é um compromisso do MFC com a conscientização e evangelização das famílias:
VENDA OU DÊ DE PRESENTE, CADA ANO, UMA ASSINATURA DE

fato
e razão

Envie o nome e endereço de um filho, parente, amigo, compadre, afilhado, colega, vizinho, aluno, freguês... com um cheque nominal cruzado ao MFC

Assinatura anual 2006: 30 reais (4 números)

Distribuidora MFC de Fato e Razão

Rua São João, 25 s/loja - CEP 24020-040 Niterói - RJ

Tel./Fax (21) 2629-7163 - e-mail: fatorazao@primyl.com.br

Para o povo. Nos anos 70, essa era a crença científica positivista dominante. Entretanto, com o amadurecimento das observações e da discussão, as **novas pesquisas provaram que essa teoria era falsa, ideológica e oportunista**. Seu interesse mercadológico se aproveitava das pulsões perversas atuantes em todo ser humano para obter mais pontos no Ibope, canalizar os êxtases obtidos nas propagandas em respostas positivas de consumo.

*Psicanalista. Professor Universitário.
E-mail: ray_lima@uol.com.br



MOVIMENTO FAMILIAR CRISTÃO

EDITORIA & PUBLICAÇÕES

Assinaturas e Expedição de Fato e Razão - Atendimento aos assinantes, assinaturas novas e renovações, números anteriores

Distribuidora Fato e Razão

Pedro e Celina Garcia - Coordenadores

Rua São João, 25 Sobre-Loja - CEP 24020-040 Niterói - RJ

Tel/Fax: (21) 2629-7163 - E-mail: fatorazao@primyl.com.br

Venda de Livros, Revistas e Temários do MFC, pedidos e encomendas para remessa postal

Livraria do MFC

Rua Barão de Santa Helena, 68 Granbery

CEP 36010-520 Juiz de Fora - MG

Tel.: (32) 3214-2952 - E-mail: livraria.mfc@acessa.com

Publicações disponíveis na Livraria MFC

Temários de Reuniões

Ponto de Partida
Um passo adiante
Pés na Terra

Fato e Razão

Números anteriores

Livros

Amor e Casamento
O Assunto é Casamento
Descomplicando a Fé

Eis o MFC

Cuidado Frágil

Colaborações e cartas de leitores

Equipe de Redação de Fato e Razão

R. Des. Saul Gusmão 80 - VIII - CEP 22641-280 Rio de Janeiro - RJ

E-mail: helioamorim@ibpinet.com.br